

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



COMUNIDADES RECONSTRUÍDAS:
SENTIDO DE COMUNIDADE E APOIO SOCIAL
PERCEBIDO NO PÓS- REALOJAMENTO

Mariana Reis Colaço

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/
Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2010

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



COMUNIDADES RECONSTRUÍDAS:
SENTIDO DE COMUNIDADE E APOIO SOCIAL
PERCEBIDO NO PÓS- REALOJAMENTO

Mariana Reis Colaço

Tese orientada pelo Professor Doutor Wolfgang Rüdiger Lind

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/
Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2010

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Wolfgang Lind pela orientação e pela partilha, sempre generosa, de conhecimento, ensinamentos e sugestões tão importantes para este e outros trabalhos. Obrigada pela disponibilidade constante, pela boa disposição e atenção, pelos prazos, metas e regras sem os quais a minha desorganização intrínseca teria sido um obstáculo bem maior.

A toda a equipa do Centro de Desenvolvimento Comunitário da Ameixoeira e a todas as pessoas que tive o privilégio de conhecer durante a minha passagem pelo CDCA. Todas estas pessoas, moradores, técnicos, voluntários, foram essenciais neste percurso. Sem a sua grande disponibilidade, paciência e interesse este trabalho não teria sido possível.

Obrigada a todos os inquiridos pela disponibilidade e partilha tão preciosas para este trabalho.

Aos meus amigos, fornecedores de um grande Apoio Social nesta e em todas as minhas viagens. Um agradecimento muito especial aos *mongos* e *mongas* pelo cacifo cheio de gargalhadas, histórias, medos, desesperos, alegrias, sucessos, aprendizagens e partilhas. As conquistas sabem sempre muito melhor quando partilhadas!

À Ana, *minha gémea*, obrigada pela grande amizade e por seres presença constante e indispensável, força e apoio, ânimo e incentivo, companheira e exemplo! Obrigada por mais esta importante partilha. Sem ti nada teria sido igual.

Ao João Manuel pelo *apoio técnico* e disponibilidade, e pela orientação e compreensão nesta e em tantas outras etapas da minha vida.

À minha grande e bela família, pelo exemplo, pela oportunidade, pelo incentivo e crença constantes. Obrigada por me ensinarem o sentido de pertença e identidade, por serem a minha maior fonte de recursos e provisões sociais. Obrigada por toda a força.

Ao meu pai, agradeço ainda pela revisão cuidada e atenta deste trabalho.

À minha mãe por ter aprendido a trabalhar com o computador e ter lido este trabalho melhor que ninguém e antes de toda a gente! Obrigada pelas vitaminas, por tantas vezes me ter feito voltar a acreditar e mais que tudo, obrigada pelo exemplo. A ela e aos meus irmãos, agradeço por saberem tão bem viver comigo, por serem a minha estrutura, as minhas referências, os maiores responsáveis por hoje ser quem sou e por ter chegado até aqui. Aos três o meu grande agradecimento e a minha maior dedicatória.

Ao Pedro pela descoberta! Pela aventura tão inesperada mas no fundo tão desejada. Obrigada pelas diversas visitas guiadas ao manual da APA, pelas referências, pelas vírgulas, pela Psicologia do Ambiente e pela discussão e análise profunda de tantos detalhes. Obrigada pelo abraço apertado e constante, pelas palavras certas de incentivo e confiança, pela alegria partilhada a cada sucesso e por todo o carinho e partilha que tornaram toda esta viagem ainda mais única e importante.

Resumo

O presente estudo foi desenvolvido com o objectivo central de medir o nível de *Sentido de Comunidade* e de *Apoio Social Percebido*, em populações que sofreram um processo de realojamento. As duas variáveis foram medidas, respectivamente, através da *Escala Breve de Sentido de Comunidade* (EBCS; Peterson, Speer & McMillan, 2008; versão adaptada por Marante, *no prelo*) e da *Escala de Provisões Sociais* (SSP; Cutrona & Russel, 1987; versão adaptada por Moreira & Canaipa, 2007), tendo sido definidas três amostras diversas, emparelhadas por sexo e idade, e cada uma constituída por 55 indivíduos adultos. A primeira, constituída por inquiridos residentes em diversas áreas do país, foi utilizada como amostra controlo, tendo sido as outras duas recolhidas em dois bairros Lisboetas abrangidos pelo Plano Especial de Realojamento (PER): Ameixoeira e Alta de Lisboa. Os resultados desta investigação indicam diferenças significativas na percepção do *Sentido de Comunidade* que revelam valores mais reduzidos desta variável na amostra do bairro PER da Ameixoeira. Em relação ao *Apoio Social Percebido*, os valores de escala total não diferem significativamente, embora tenham sido identificadas diferenças significativas relativamente à dimensão *Apoio Casual*, também mais reduzido na amostra da Ameixoeira. Estes resultados foram interpretados tendo em conta as diferenças sócio-demográficas existentes entre as três populações, assim como as características físicas discrepantes entre os bairros. Desta forma, a interpretação destes resultados traduz-se num contributo importante para o desenvolvimento de intervenções comunitárias e novas políticas de realojamento.

Palavras-chave: Realojamento, *Sentido de Comunidade*, *Apoio Social*, *Apoio Social Percebido*

Abstract

Reconstructed Communities: Sense of Community and Perceived Social Support after Relocation

The main goal of the present study is to measure the level of *Sense of Community* and *Perceived Social Support* in populations that went through a process of relocation. Two scales were used to measure these two variables: the *Brief Sense of Community Scale* (BSCS; Peterson, Speer & McMillan, 2008; adapted by Marante, *in press*) and the *Scale of Social Provisions* (SSP; Cutrona & Russel, 1987; adapted by Moreira & Canaipa, 2007). Both variables were studied in three different samples, of 55 adults each, matched by age and sex. The first one, constituted by residents from different areas of Portugal, was used as a control sample. The remaining samples were constituted by residents of two Lisbon neighborhoods, Ameixoeira and Alta de Lisboa that were covered by the Special Plan of Relocation. The results indicated significant differences in the perception of *Sense of Community* between the three samples, being lower in Ameixoeira's sample. For *Perceived Social Support*, the values show no significant differences, although the results indicated a significant difference in one dimension of this variable – *Casual Support*, also lower in Ameixoeira. These findings were interpreted accordingly to the socio-demographic differences of the three populations and the different characteristics of the physical environment of the neighborhoods. Thus, the consideration of these results can contribute to the development of community interventions and new relocation programs.

Keywords: *Relocation, Sense of Community, Social Support, Perceived Social Support*

Índice Geral

Introdução	1
Capítulo I- Enquadramento Teórico	4
1.1. Percepção Ambiental	4
1.2. Identidade	5
1.3. Comunidade.....	8
1.4. Sentido de Comunidade.....	9
1.5. Apoio Social	12
1.6. Realojamento	14
1.7. Realojamento, Sentido de Comunidade e Apoio Social Percebido.....	17
1.8. O Plano Especial de Realojamento – PER	19
1.9. O bairro PER da Ameixoeira.....	20
1.10. O bairro PER da Alta de Lisboa	21
Capítulo II- Metodologia	23
2.1. Objectivos e Questões de Investigação	23
2.2. Selecção e caracterização das Amostras.....	24
2.2.1. Amostra Normativa	24
2.2.2. Amostra bairro PER da Ameixoeira.....	25
2.2.3. Amostra bairro PER da Alta de Lisboa	26
2.2.4. Descrição Comparativa das Amostras	27
2.3. Instrumentos	29
2.4. Procedimento de Recolha de Dados	34
Capítulo III- Resultados	36
3.1. <i>Escala Breve de Sentido de Comunidade (EBSC)</i>	36
3.2. <i>Escala de Provisões Sociais (EPS)</i>	38
3.3. Correlação entre <i>EBSC</i> e <i>EPS</i>	40
Capítulo IV- Discussão e Conclusões	41
4.1. Integração e discussão dos resultados empíricos.....	41
4.2. Limitações da investigação.....	46
4.3. Sugestões para novas investigações e práticas de intervenção.....	47
Bibliografia	51
Apêndices	
Anexos	

Índice de Gráficos

Gráfico 2.2.4.1. Dimensão do agregado familiar por amostra	27
Gráfico 2.2.4.2. Nível de escolaridade dos inquiridos por amostra	28
Gráfico 2.2.4.3. Estado de actividade dos inquiridos por amostra	29

Índice de Quadros

Quadro 2.3.1. Precisão por <i>alfa de Cronbach</i> da <i>BSCS</i> e <i>EBSC</i>	31
Quadro 3.1.1. <i>Alfas de Cronbach</i> , Médias e Desvios-Padrão da <i>EBSC</i>	36
Quadro 3.1.2. <i>ANOVA EBSC</i> Total - Comparações Múltiplas	36
Quadro 3.1.3. Médias e desvios-padrão das dimensões da <i>EBSC</i> por amostra	37
Quadro 3.1.4. <i>ANOVA</i> das dimensões da <i>EBSC</i> - Comparações Múltiplas	37
Quadro 3.2.1. <i>Alfas de Cronbach</i> , Médias e Desvios-Padrão da <i>EPS</i>	38
Quadro 3.2.2. Médias e desvios-padrão das dimensões da <i>EPS</i> por amostra	39
Quadro 3.2.3. <i>ANOVA</i> das dimensões da <i>EPS</i> - Comparações Múltiplas	39

Introdução

O desenvolvimento de bairros precários, gerado por diferentes vagas migratórias durante as últimas seis décadas, tem acompanhado o crescimento das grandes cidades. Têm sido várias as tentativas dos órgãos políticos de travar este crescimento e dar resposta às necessidades de condições de habitabilidade destes bairros, aplicando políticas de realojamento e de reinserção social. O Plano Especial de Realojamento (PER) é uma destas políticas, responsável pelo realojamento e reinserção de inúmeras famílias desde 1997 e que levou à erradicação das chamadas barracas na cidade de Lisboa.

Segundo os estudos teóricos, os processos de realojamento não só não têm resolvido os problemas de inserção social como têm desencadeado novos problemas sociais ligados aos fenómenos de isolamento social e de quebra de laços comunitários (Freitas, 1995). O realojamento aparece assim descrito como uma política social que pretende dar resposta a problemas de carência de condições de habitabilidade e a diversos problemas sociais, mas que tem falhado no cumprimento dos seus objectivos por se centrar quase exclusivamente nas necessidades habitacionais e não considerar tanto as necessidades relacionais dos indivíduos (Augusto, 2000).

Uma década após os primeiros realojamentos, os problemas de isolamento e de segregação espacial e social destas populações e as dificuldades na identificação dos indivíduos com o espaço e com a comunidade diversificada e multicultural, são problemas reais e persistentes nos bairros PER. São também estes problemas que levam à consideração de questões como: *será que o processo realojamento tem influência sobre variáveis da Psicologia Social e Comunitária, como o Sentido de Comunidade e o Apoio Social? Será que o Sentido de Comunidade e o Apoio Social percebidos pelos moradores dos bairros PER diferem significativamente dos percebidos pela população portuguesa em geral?*

O Sentido de Comunidade surge como um conceito, definido por Sarason (1974), que representa o ponto de ligação entre os indivíduos e grupos sociais alargados (Sánchez-Vidal, 1991), como a comunidade; mais tarde, McMillan e Chavis (1986) definiram-no como “o sentimento que os elementos possuem de pertencer a determinado grupo, e de que os membros se preocupam uns com os outros e com o grupo. É uma fé partilhada de que as necessidades dos membros serão satisfeitas através do compromisso de permanecerem juntos” (p. 9).

O Apoio Social representa “a existência ou disponibilidade de pessoas em quem se pode confiar, pessoas que nos mostram que se preocupam connosco, nos valorizam e gostam de nós” (Sarason, Levine, Basham & Sarason, 1983, p. 127); e o Apoio Social Percebido traduz-se na percepção que os indivíduos desenvolvem de que são estimados, que os outros se interessam por eles, que estão disponíveis quando precisam e, por outro lado, a satisfação com as relações que têm (Lahey & Cassady, 1990).

Estes dois conceitos evidenciam um papel importante para uma vivência em comunidade pelo que a sua avaliação se torna muito pertinente quando se pretende estudar e comparar a vivência comunitária em contextos específicos, e a sua compreensão é importante para actualizar e apoiar teoricamente a intervenção comunitária em cada contexto.

Partindo da intervenção comunitária existente nos territórios abrangidos pelo PER e considerando diversas necessidades identificadas nestas intervenções como as diversas manifestações de descontentamento com os vizinhos e com as comunidades co-habitantes no bairro, com os serviços, a rede de transportes ou os equipamentos e enquadrando os conceitos teóricos, foi definido como objectivo central desta investigação, a análise da influência da situação de realojamento na percepção do *Sentido de Comunidade* e no *Apoio Social Percebido*. Para tal, foram medidas e comparadas as duas variáveis em três populações: a população de moradores do bairro PER da Ameixoeira, a população de moradores do bairro PER da Alta de Lisboa e uma população normativa de indivíduos portugueses, residentes em diferentes áreas do país. Assim pretende-se medir os níveis destas duas variáveis nas populações de moradores de bairros PER, e os factores responsáveis por estes níveis. Espera-se com esta investigação deixar um contributo importante para novas práticas e processos de realojamento e reinserção social, bem como, para o aperfeiçoamento das intervenções comunitárias nesta área.

A investigação acima descrita é apresentada neste trabalho que se organiza em quatro partes principais. O primeiro capítulo consiste numa breve revisão de literatura onde são enquadrados e relacionados os conceitos teóricos essenciais ao desenvolvimento da investigação e à contextualização das questões de investigação que se colocam. O segundo consiste na descrição da metodologia e inclui a selecção e descrição das amostras, os instrumentos utilizados e o procedimento de recolha dos dados. No terceiro capítulo, são apresentados os resultados obtidos, assim como as

análises estatísticas efectuadas. E por último, na parte das discussões e conclusões, integram-se e discutem-se os resultados e reflecte-se sobre as principais conclusões, explorando as limitações do estudo e apresentando propostas para futuras investigações e para práticas de intervenção.

Os efeitos do realojamento na destruição e reconstrução de solidariedades antigas e na edificação de novos relacionamentos devem muito à forma como este foi realizado e à atenção que foi dada às diferentes comunidades. O empreendimento teve um enorme impacto sobre a vida das pessoas que à partida tinham todos os receios mas, também, muitas expectativas.

(CEG, 2006, pg.18)

Capítulo I - Enquadramento Teórico

1.1. Percepção Ambiental

Para se compreender o processo de realojamento, o seu impacto, e os possíveis efeitos que terá sobre a percepção do *Sentido de Comunidade* e sobre o *Apoio Social Percebido*, é necessário começar pela compreensão da relação que os indivíduos estabelecem com o ambiente onde residem, em particular, a compreensão dos processos inerentes à formação desta relação.

A Psicologia do Ambiente procura compreender a influência das características do meio ambiente no comportamento humano, estudando a relação recíproca que se estabelece entre o comportamento e o ambiente físico. Nesta área, as respostas comportamentais ao ambiente são definidas como resultado das percepções, dos processos cognitivos, e das avaliações, julgamentos e expectativas de cada indivíduo, face ao meio em que está inserido (Jerónimo, Monteiro, Reis, Marques & Palma-Oliveira, 2010).

Estas percepções, avaliações e expectativas do indivíduo em relação ao seu ambiente, desenvolvem-se, tanto em relação ao ambiente físico e estrutural, como em relação ao ambiente social e às diversas comunidades em que pode estar inserido. Neste contexto, o realojamento, ou seja a mudança imposta de local e de ambiente de residência é um processo que implica alterações profundas a nível do ambiente físico e social provocando efeitos consideráveis nos processos cognitivos do indivíduo face ao meio. O Sentido de Comunidade e o Apoio Social Percebido são conceitos que exploram estas percepções em relação ao ambiente e às comunidades de inserção e daí a importância do seu estudo para a compreensão dos efeitos e do impacto do processo de realojamento.

O meio tem um papel essencial na satisfação das necessidades biológicas, psicológicas, sociais e, simultaneamente, no processo de definição da identidade (Proschansky, 1983 citado por Almeida & Castro, 2002). Embora a interacção com o meio seja constante, o ser humano não responde directamente ao ambiente real, forma a sua própria representação mental do ambiente, respondendo às representações e imagens que cria (Golledge & Stimson, 1997). Assim, para além de procurarem a satisfação de necessidades básicas e segurança, abrigo e alimentação, os indivíduos têm um forte desejo de dar sentido ao ambiente que os rodeia e de se relacionarem com ele

(Kaplan & Kaplan, 1987, cit. por Gifford, 2007). Para tal investem significados e afectos nos lugares com os quais se relacionam, de forma a controlarem ou a procurarem controlar o espaço e o tempo (Guerra, 1997).

A necessidade de compreensão e avaliação de um ambiente específico, por exemplo o próprio local de residência, é suplantada com base nas características físicas, sociais e culturais desse mesmo local, mas também na relação que o indivíduo estabelece com o meio, como o uso que faz dele (Canter, cit. por Gustafson, 2000), e pela percepção que possui acerca de outros locais.

Na presente investigação o ambiente definido como objecto de estudo é o bairro de residência dos inquiridos. Na revisão de literatura efectuada, o Bairro é apresentado como um conceito complexo que, mais do que um território, se define como um conceito psicológico (Hallman, 1984); nem todas as áreas físicas ou legais são consideradas bairros e nem todos os indivíduos delimitam os bairros da mesma forma (Gifford, 2007). Na mesma obra, Gifford descreve os bairros compostos por três características: a) a interacção social entre moradores referente à forma como se relacionam entre si; b) a interacção simbólica, que diz respeito à cognição, como os mapas cognitivos do bairro e a comunicação de status dos residentes através de símbolos e c) a ligação com as pessoas e com os lugares, que se refere ao vínculo cognitivo e emocional que os moradores têm com o bairro. Todas estas características são representadas e integradas pelas variáveis medidas e relacionadas na presente investigação, como se irá explicitar neste capítulo.

1.2. Identidade

Tendo em conta esta relação e interacção constante entre homem e ambiente, fenómenos de mudança de residência, como é o caso nos processos de realojamento, têm impacto por um lado, na satisfação em relação aos cenários residenciais e por outro, na identidade, afectando a cultura (valores, crenças, atitudes, costumes, práticas, normas e rituais) inerente a cada indivíduo (Almeida & Castro, 2002).

O conceito de “identidade” tem tido várias definições de acordo com diferentes teorias, e em psicologia existem numerosos estudos que procuram explicar como é que a identidade se desenvolve e estrutura¹.

¹ Dependendo das áreas de investigação e intervenção, o mesmo conceito e relações com outros conceitos são descritos com designações diversas. Na revisão de literatura efectuada para este trabalho, os estudos encontrados sobre o realojamento, desenvolvidos principalmente nas áreas da Sociologia e da Psicologia do Ambiente, utilizam os conceitos de *identidade individual ou pessoal*, *identidade social*, *identidade local*, *apropriação*, *enraizamento*,

Para Augusto (2000), investigador na área da Sociologia, a identidade dos indivíduos com o seu espaço e mesmo entre si, depende de três factores fundamentais: os seus percursos individuais; a homogeneidade social, económica e cultural existente no ambiente circundante; e a avaliação que constroem do seu espaço social, que inclui, igualmente, a assimilação ou não das avaliações externas.

Na psicologia social, a “identidade social” é utilizada para definir os grupos com os quais os indivíduos se identificam e nos quais se integram enquanto a “identidade pessoal” diz respeito ao que os torna diferentes dos outros elementos desses mesmos grupos (Hauge, 2007).

Os indivíduos procuram construir uma identidade social positiva mediante comparações entre o seu grupo e o(s) grupo(s) dos outros, sendo estas comparações baseadas em dimensões associadas a valores sociais dominantes e conduzindo ao favoritismo pelo grupo de pertença — a tendência para favorecer o grupo de pertença (endogrupo²) relativamente ao grupo dos outros (exogrupo³) (Brewer, 1979; Tajfel & Turner, 1979). Desta forma, os membros com uma identidade social muito marcada protegem a imagem do grupo e esforçam-se por ele, enquanto os membros pouco identificados com o seu grupo preocupam-se mais com a imagem pessoal e objectivos pessoais.

A identidade local remete para a ideia de que a identidade pode estar ligada ao contexto e ao ambiente em que se vive, podendo satisfazer necessidades biológicas, psicológicas e sociais de um indivíduo (Bernardo & Palma-Oliveira, 2009). Neste contexto a teoria do processo identitário de Breakwell (1986 citado por Loureiro & Príncipe, 2003) propõe que a identidade se conceptualiza como um organismo que se desenvolve através dos processos dinâmicos de assimilação-acomodação e avaliação. Este processo identitário é regido por quatro princípios que definem a estrutura da identidade: *auto-estima*, *continuidade*, *distintividade* e *controlo*.

O princípio da distintividade está relacionado com a percepção positiva do local de residência (Hummon, 1992 citado por Bernardo & Palma-Oliveira, 2005). A identificação com um território específico permite que a pessoa se identifique com

identificação e avaliação ambiental, entre outros. É possível fazer uma relação muito próxima entre as definições destes conceitos e das suas dimensões e os conceitos de *Sentido de Comunidade* e *Apoio Social*, tal como as dimensões de cada um destes; sendo os últimos conceitos mais utilizados no âmbito da Psicologia Comunitária. Espera-se que ao longo deste capítulo, o paralelismo entre os conceitos e as suas relações se tornem claros para o leitor.

² Tradução do original inglês *Ingroup*.

³ Tradução do original inglês *Outgroup*.

indivíduos que vivem no mesmo espaço (Valera, 1997 citado por Bernardo & Palma-Oliveira, 2005) e se diferencie de outros que vivem em diferentes partes da cidade (Lalli, 1992 citado por Bernardo & Palma-Oliveira, 2005). Para a construção da identidade, a necessidade de continuidade, manifesta-se das seguintes formas: a) “continuidade das referências espaciais”, o espaço liga identidades passadas e presentes e actua como referência de identidades e acções passadas e b) “continuidade da congruência espacial” que é a congruência entre o ambiente e os desejos e valores dos residentes (Twigger-Ross & Uzzell, 1996 citados por Bernardo & Palma-Oliveira, 2005). A auto-estima relaciona-se com o ambiente através de uma avaliação pessoal positiva do ambiente de residência e uma avaliação positiva por parte de outros desse mesmo local. Estas geram orgulho e contribuem para a auto-estima (Bernardo & Palma-Oliveira, 2005). Por fim, a auto-eficácia é a capacidade percebida que os indivíduos têm de funcionar competentemente numa situação física ou social específica, e está relacionada com a necessidade humana de controlo sobre o ambiente (Belk, 1992 citado por Bernardo & Palma-Oliveira, 2005).

Relacionando a formação e o desenvolvimento da *Identidade* com a *Satisfação Residencial*, Almeida e Castro (2002) estudaram o papel que o local onde as pessoas vivem tem sobre estas duas variáveis e como influencia a sua relação. Considerando o espaço e a relação/ligação dos indivíduos com o mesmo, identificam-se alguns elementos chave, que permitem a compreensão do conceito, multidimensional, de Satisfação Residencial: a *casa* e o *edifício* (espaços interiores e privados) e a *rede social* e as *relações de vizinhança* (espaços exteriores e públicos). Quando há uma identificação elevada com o meio onde está inserido o indivíduo (Almeida & Castro, 2002), ou seja, quando há uma avaliação positiva do ambiente e uma identidade positiva, a satisfação que o indivíduo demonstra em relação ao seu ambiente residencial aparece mais relacionada com a rede social e as relações de vizinhança. Quando a identidade é fraca (identificação e avaliação mais negativas do ambiente), os elementos mais explicativos da Satisfação Residencial, são a casa e o edifício (Almeida & Castro, 2002). Estas variáveis tornam-se salientes nos estudos sobre o realojamento, pois nos processos de realojamento, têm sido consideradas, apenas as necessidades habitacionais dos indivíduos e não as suas necessidades relacionais, criando-se grandes dificuldades na identificação dos indivíduos com o novo espaço (Augusto, 2000).

No âmbito da Psicologia Comunitária, os factores de identidade e identificação, nomeadamente a noção de identidade social, emergem do estudo das relações, dos significados e das percepções dos indivíduos face as relações estabelecidas com outros em determinados contextos. Nesta linha de investigação emergem as noções de Sentido de Comunidade e Apoio Social Percebido. O primeiro assenta sobre a concepção de Comunidade, conceito com uma importância central na investigação em Psicologia Comunitária.

1.3. Comunidade

Num trabalho de revisão sobre o Sentido de Comunidade, Amaro (2007), descreve a Comunidade como um grupo de pessoas, que reconhecem pertencer a uma comunidade, que interagem e partilham problemas, interesses e recursos. E para Mannarini e Fedi (2009) a comunidade onde os indivíduos vivem é conceptualizada como uma entidade física, tangível, mas também, e acima de tudo, como um universo relacional e afectivo.

Associados a comunidade, aparecem referidos vários componentes e funções, entre elas, a função simbólica, que fornece aos membros códigos partilhados, representações, e valores, e a função pragmática. Esta última preenche as necessidades práticas dos membros e serve como estrutura bem organizada, à qual podem recorrer para lidar tanto com tarefas comuns como tarefas extraordinárias (Mannarini & Fedi, 2009).

Da revisão de literatura efectuada surgiram as definições de Comunidade Relacional e Comunidade Territorial. A Comunidade Territorial é definida como aquela em que os indivíduos se unem e criam laços porque partilham o mesmo espaço/local/território, enquanto, na Comunidade Relacional, os indivíduos estão unidos por outros filamentos que não a localidade (e.g. Gusfield, 1975 citado por McMillan & Chavis, 1986). Estes dois tipos de comunidades não são mutuamente exclusivos (Gusfield, 1975 citado por McMillan & Chavis, 1986), ou seja, uma comunidade pode ter, simultaneamente, uma dimensão relacional e outra territorial e cada indivíduo pode pertencer a várias comunidades (ex: bairro onde vive, local de trabalho, clube desportivo, etc.; Brodsky & Marx, 2001; Pretty, Andrewes & Collett, 1994; Royal & Rossi, 1996 citados por Obst & White, 2007).

Um fenómeno verificado na sociedade moderna, é o desenvolvimento de mais Comunidades Relacionais que Comunidades Territoriais (McMillan & Chavis, 1986); em parte, devido aos avanços na comunicação que têm vindo a reduzir a importância da proximidade territorial (Colombo, Mosso & DePiccoli, 2001).

Como já foi referido, o objecto em estudo nesta investigação é o bairro de residência dos inquiridos que será considerado, ao longo deste trabalho, como uma comunidade com uma dimensão relacional e outra territorial.

Assim, sendo a comunidade um elemento central no universo relacional e afectivo do indivíduo, é importante perceber as relações e significados que se estabelecem entre indivíduo e comunidade.

1.4. Sentido de Comunidade⁴

Seymour Sarason dá início ao estudo do Sentido de Comunidade quando, em 1974, o apresenta como um conceito central e de grande importância dentro da Psicologia Comunitária. Para o autor, o Sentido de Comunidade é o sentimento de, pertencer, significativamente, a uma colectividade mais alargada, de suporte mútuo, numa lógica de interdependência. Este sentimento inclui a percepção de similaridade com os elementos da rede de relacionamentos e a consciência desta interdependência simultaneamente à vontade de a manter (dar e fazer pelos outros aquilo que se espera que façam por nós). Segundo Sarason, o Sentido de Comunidade evita, nos indivíduos, sentimentos prolongados de solidão e a experiência de estilos de vida emocionalmente destrutivos (Sarason, 1974).

Na sequência da tentativa de vários autores (e.g. Doolittle & MacDonald, 1978; Glynn, 1981; Riger & Lavrakas, 1981, citados por McMillan & Chavis, 1986) de definir, quantificar e medir este conceito, em 1986, McMillan e Chavis compilaram a teoria existente, propondo um Modelo onde o Sentido de Comunidade é composto por 4 elementos. Para estes autores, Sentido de Comunidade é definido como “o sentimento que os elementos possuem de pertencer a determinado grupo, e de que os membros se preocupam uns com os outros e com o grupo. É uma fé partilhada de que as necessidades dos membros serão satisfeitas através do compromisso de permanecerem juntos” (McMillan & Chavis, 1986, p.9). As quatro dimensões encontradas pelos

⁴ Na literatura, são diversas as designações dadas a este conceito, e.g. *Sentido de Comunidade*, *Sentido Psicológico de Comunidade*, *Sentimento Psicológico de Comunidade*, *Percepção do Sentido de Comunidade*. Neste trabalho será utilizada a designação de *Sentido de Comunidade*.

autores são: o Estatuto de Membro (*membership*); a Influência (*Influence*); a Integração e Satisfação de Necessidades (*Integration and Satisfation of needs*); e as Ligações Emocionais Partilhadas (*Shared Emotional Connection*).

Estas quatro dimensões interagem de forma dinâmica para criar e manter um Sentido de Comunidade global (Obst & White, 2007) e, segundo o modelo, definem-se da seguinte forma: o *Estatuto de Membro* é definido como o sentimento de pertença e consciência de pertencer a um todo integrado. É uma dimensão que tem fronteiras que definem quem está dentro e quem está fora e que permitem uma certa segurança emocional e, ao mesmo tempo, o investimento pessoal. Estas fronteiras são suportadas por um sistema simbólico partilhado, que permite um sentimento de pertença e identificação. A *Influência* é caracterizada pela possibilidade de provocar ou evitar mudanças, controlar a própria vida e o ambiente. É uma dimensão bidireccional em que, numa direcção, significa a importância, o impacto do indivíduo na vida do grupo e, na outra, o impacto do grupo na vida do indivíduo. A *Integração e Satisfação de Necessidades* representa a dimensão que engloba a crença de que as necessidades serão satisfeitas pelos recursos recebidos através do estatuto de membro. As pessoas aproximam-se umas das outras de acordo com as competências e capacidades que apreciam e das quais podem beneficiar. Os valores individuais são a origem das necessidades e organizam a sua ordem de prioridade, a quantidade de valores partilhados entre membros comunitários determina a capacidade que a comunidade tem de organizar e hierarquizar as actividades de satisfação das necessidades. As *Ligações Emocionais Partilhadas* representam a percepção de que os indivíduos não estão isolados e que podem contar com uma rede de suporte. É o sentimento de intimidade que resulta da crença na partilha de histórias, lugares, tempo e experiências.

McMillan e Chavis (1986) consideraram elementos fundamentais no processo de desenvolvimento do Sentido de Comunidade, a percepção da distinção da comunidade e o grau de identificação com esta. A distinção relaciona-se com o facto de uma comunidade se diferenciar de outras nas suas características físicas e/ou sociais enquanto a identificação é um conceito relacionado com o sentimento de afiliação, pertença e conexão emocional que sublinha a relação dentro da comunidade e entre os seus membros.

É possível observar o paralelismo existente entre estas definições do Sentido de Comunidade e o processo de construção de Identidade, apresentado acima. São comuns,

por exemplo, o sentimento de pertença a um grupo, desenvolvido através da percepção de similaridade, a defesa e identificação com o endogrupo e a distinção em relação a exogrupos. Mais pormenorizadamente, pode até fazer-se o paralelismo entre as dimensões do modelo de McMillan e Chavis (1986) e as dimensões do modelo de identidade de Breakwell (1986 citado por Bernardo & Palma-Oliveira, 2005), sendo que o *Estatuto de Membro* se aproxima da *Distintividade* – sentimento de pertença e identificação com um grupo e diferenciação de outros e estabelecimento das fronteiras do endogrupo. A dimensão *Influência* do Sentido de Comunidade, tem características comuns com a *Auto-eficácia*, dimensão do modelo de construção da identidade, como o sentimento de capacidade de influência e controlo sobre o ambiente; e é ainda possível identificar pontos comuns entre a *Satisfação de Necessidades* e a *Continuidade*, como o sentimento de congruência entre os valores e desejos do indivíduo e os recursos que este irá obter através do grupo.

Sendo um conceito de grande importância dentro do estudo da Psicologia Comunitária, o Sentido de Comunidade é explorado por vários autores e a sua relação com diferentes variáveis é descrita nos mais diversos estudos.

Davidson e Cotter (1991) observaram que um forte *Sentido de Comunidade* promove um melhoramento do sentimento individual de bem-estar, o aumento da felicidade, a diminuição da preocupação e o aumento da auto-eficácia. Enquanto Prezza, Amici, Roberti e Tedeschi (2001) identificaram fortes relações no sentido inverso entre a *Satisfação com a Vida* e a *Solidão* e relações positivas entre *Satisfação com a Vida* e o *Sentido de Comunidade*, tendo sido, estas relações, observadas em três contextos distintos (uma vila, uma pequena cidade e um grande bairro numa metrópole italianas).

O Sentido de Comunidade é um conceito complexo com influência e relação com uma grande diversidade de variáveis e de contextos. E como Seymour Sarason (1974) a descreve, a sociedade contemporânea é profundamente caracterizada por fenómenos de isolamento, anomia e segregação, resultantes da destruição progressiva do Sentido de Comunidade. Devido à centralidade e importância que este conceito assume no campo da investigação na área da Psicologia Comunitária, ainda existe um vasto campo por explorar relativo às diversas relações e processos e cuja análise e definição se traduzirá em conhecimentos essenciais para a psicologia e para a política comunitária.

1.5. Apoio Social

Outro conceito central nas áreas da Psicologia Social e da Psicologia Comunitária é o conceito de Apoio Social. O Apoio Social é normalmente definido como “a existência ou disponibilidade de pessoas em quem se pode confiar, pessoas que nos mostram que se preocupam connosco, nos valorizam e gostam de nós” (Sarason, Levine, Basham & Sarason, 1983, p.127). Pode ser considerado como uma característica abstracta das pessoas, dos comportamentos, das relações e dos sistemas sociais, e a diversidade evidente neste conceito é justificada pela existência de diferentes tipos de apoio (como por exemplo, apoio emocional e instrumental), diferentes fontes (como por exemplo, o apoio que é fornecido pelo parceiro, pela família e pelos amigos) ou outras facetas, formas, ou expressões do fenómeno “apoio” (Veiel & Baumann, 1992).

É um conceito que tenta capturar as transacções de ajuda, que ocorrem entre pessoas que partilham contextos (Barrera, 2000); que leva o sujeito a acreditar que é amado e que as pessoas se preocupam com ele; que é apreciado e tem valor; e que pertence a uma rede de comunicação e de obrigações mútuas (Cobb, 1976).

O Suporte Social Percebido distingue-se do Suporte Social Recebido. O primeiro refere-se ao Suporte Social que o indivíduo percebe como disponível se precisar dele e o segundo descreve o Suporte Social que o indivíduo recebe e que realmente é fornecido pelos outros (Cohen & Wills, 1985; Heller, Swidle & Dusenbury, 1986; Winemiller, Mitchell, Sutliff & Cline, 1993).

Pessoas com elevado Apoio Social Percebido experienciam mais eventos positivos (desejáveis) nas suas vidas, têm mais auto-estima e uma visão mais optimista da vida, do que pessoas com Apoio Social Percebido reduzido (Sarason et al., 1983). Este tipo de apoio é preditivo da eficácia das estratégias de *coping* e do bem-estar físico e psicológico, enquanto o Apoio Social Recebido, tem sido visto como menos importante para a protecção perante efeitos adversos do *stress* na saúde psicológica (Cohen & Wills, 1985) e menos preditivo da saúde e bem-estar (Turner, 1992; Vaux, 1988). Vaux (1988) considera mesmo, que, na maioria das vezes, a percepção corresponde à realidade, mas mesmo em situações em que existe divergência, o importante para o indivíduo é a sua percepção.

Em relação às Fontes de Suporte, Dunst e Trivette (1990), identificaram duas: Informal e Formal. As Fontes de Suporte Informal incluem indivíduos (familiares,

amigos, vizinho, padre, etc.) e grupos sociais (clubes, igreja, etc.) e podem fornecer apoio nas actividades do dia-a-dia, em resposta a acontecimentos de vida normativos e não-normativos. As redes ou Fontes de Suporte Formal abrangem as organizações sociais formais (hospitais, programas governamentais, serviços de saúde) e profissionais (médicos, assistentes sociais, psicólogos, etc.) e fornecem ajuda ou assistência às pessoas conforme as suas necessidades.

De acordo com o modelo teórico do sociólogo Robert Weiss (1974, citado por Moreira & Canaipa, 2007) o Apoio Social é composto por provisões sociais. Estas definem-se como recursos específicos, obtidos no contexto de relações sociais e necessários quando o indivíduo enfrenta situações de stress. Weiss identifica seis provisões: Aconselhamento (*Guidance*), que se define como o apoio recebido através de relações de confiança e que, muitas vezes, é assegurado por figuras de autoridade ou com maior experiência, que aconselham, orientam e fornecem apoio emocional; Aliança Fiável (*Reliable Alliance*), que reflecte a sensação de uma relação forte e segura, que permite contar com ajuda disponível, face a qualquer tipo de situação. Este tipo de recursos é recebido sobretudo no contexto de relações sólidas e duradouras, como as familiares; Vinculação (*Attachment*), que se desenvolve nas relações mais íntimas, onde existe um sentimento de partilha e se assegura a segurança emocional; Integração Social (*Social Integration*), que está relacionada com a rede de relações que o indivíduo integra, e a oportunidade de partilhar interesses e actividades sociais; Reafirmação de Valor (*Reassurance of Worth*) que diz respeito à valorização que os outros fazem das qualidades e competências do indivíduo, sendo particularmente relevante em situações em que a sua intervenção pode determinar uma boa adaptação e, eventualmente, a resolução da situação. Esta é a provisão relacionada com a percepção do reconhecimento do valor pessoal; e por fim, a Oportunidade de Prestação de Cuidados (*Opportunity for Nurture*), que corresponde à necessidade de fornecer cuidados e apoio, em que o indivíduo é promotor de bem-estar nos outros (Moreira & Canaipa, 2007).

As provisões Aconselhamento, Aliança Fiável e Vinculação constituem as componentes mais relacionadas com o sentimento de ser amado e apoiado emocionalmente pelas redes mais próximas. São provisões que se têm revelado como um apoio muito importante em quase todas as situações com que o indivíduo se confronta (Sarason et al., 1987 citados por Moreira & Canaipa, 2007).

1.6. Realojamento

Como acabou de ser explicitado, existe toda a uma complexidade inerente aos processos que ligam um indivíduo ao ambiente em que vive inserido, tanto o ambiente físico como o ambiente social e humano, que no presente estudo se concretizam na comunidade do bairro de residência. Foi também já apresentada, e são temas muito explorados na literatura, a importância e relação destes processos, com efeitos benéficos na vida dos indivíduos, (eg. Cohen & Wills, 1985; Sarason, Sarason & Shearin, 1986; Prezza & Constantini, 1998; Davidson & Cotter, 1991).

Assim, é possível pensar-se que uma alteração do ambiente de residência seja ela voluntária ou não, irá sempre influenciar os processos de ligação indivíduo-meio, provocando efeitos sobre a vida dos indivíduos, nomeadamente a nível de satisfação e bem-estar. Neste trabalho, e na revisão que apresentamos, iremos considerar a situação que resulta especificamente de um processo de realojamento.

Nas últimas seis décadas, diferentes vagas migratórias, têm gerado, nas grandes cidades, o desenvolvimento de bairros precários que vão sendo aglomerados pela cidade à medida que esta cresce. Paralelamente, os órgãos políticos foram tentando travar este crescimento dos bairros precários e dar resposta às necessidades de condições de habitabilidade, aplicando políticas de realojamento e reinserção social.

À primeira vista, considerando o processo de realojamento de forma simplista, e tendo em conta as suas premissas e objectivos, pode parecer que é um processo capaz de suplantar os problemas de más condições de habitabilidade, os inúmeros problemas sociais decorrentes da pobreza e a exclusão social, promovendo a integração social e económica. Mas, com base numa análise mais detalhada deste processo e dos resultados da aplicação de diversos programas de realojamento, ao longo das últimas décadas, é possível identificar a sua grande complexidade, a sua, eventual incapacidade de dar resposta aos problemas acima descritos e a forma como pode levar ao surgimento de inúmeros novos problemas.

Sendo um processo de mudança, o realojamento implica, normalmente, alterações significativas do local e arquitectura da área de residência. Mesmo quando o local não é alterado, a organização do espaço e o posicionamento e acessibilidade da rede social, sofrem alterações significativas, transformando os mapas cognitivos dos indivíduos. Estas alterações vão influenciar a relação do indivíduo com o seu ambiente e a forma como interage socialmente (Speller, Lyons & Twigger-Ross, 2001 citados por

Bernardo & Palma-Oliveira, 2005). Durante o realojamento há uma interrupção do processo de vinculação com o ambiente socio-físico e um corte de um estado de equilíbrio que implica um processo mais ou menos moroso de transição, readaptação e reconstrução (Gans, 1962 citado por Almeida & Castro, 2002).

Como foi descrito acima neste trabalho, a ligação que o indivíduo estabelece com o local, envolve a experiência positiva de laços desenvolvidos, ao longo do tempo, a partir de ligações comportamentais, afectivas e cognitivas entre indivíduos e/ou grupos e o seu ambiente sócio-psicológico. Neste contexto, um processo de realojamento significa uma interrupção desta ligação dos indivíduos com o seu ambiente residencial físico (Bernardo & Palma-Oliveira, 2005) e, de algum modo, a quebra das redes afectivas.

Um processo de realojamento significa: a reestruturação da vida quotidiana e de todo um conjunto de práticas ligadas ao meio de residência, tais como as relações de vizinhança, os locais onde se efectuam as compras, os locais de lazer, os transportes utilizados ou o trajecto casa - trabalho (Cardoso, 1993 citado por Cardoso & Perista, 1994).

Em suma, pode dizer-se que a nova casa exige uma nova postura perante a vida, toda uma nova quotidianidade, desempenho diferencial de papéis e a busca de novos referentes identitários. Neste processo de adaptação ao novo meio, o indivíduo tem que fazer a passagem a dois níveis importantes: o espacial – em que, há um fechamento ao exterior; de casas de portas abertas passa-se a casas de portas fechadas - e o social – em que, passa de uma lógica sócio-espacial comunitária para uma lógica sócio-espacial individualista, com a passagem de uma lógica *neighborhood oriented*⁵ para uma lógica de *house oriented*⁶ (Freitas, 1995). Os indivíduos realojados têm de reaprender a utilizar o espaço-casa e o espaço-rua. Mesmo que a transferência para outra zona da cidade não se verifique, a alteração do tipo de casa é quase uma constante. De casas térreas, unifamiliares passam para prédios com vários andares onde vivem diversas famílias. Alteram-se as redes e as relações de vizinhança e relação com a rua, com o espaço público, que deixa de funcionar como o prolongamento da casa (Cardoso & Perista, 1994), há uma perda de sociabilidade agravada por uma significativa saudade da

⁵ Lógica em que a vida é orientada para o bairro, para as relações com os vizinhos e a utilização do espaço rua nas socializações.

⁶ Lógica mais centrada nas relações familiares dentro da própria casa, utilização maioritária do espaço individual e privado, do espaço casa, na socialização.

vivência quotidiana que os antigos cenários residenciais proporcionavam (Freitas, 1995).

Os bairros de realojamento tendem a apresentar uma localização periférica e a estar relativamente isolados do contexto urbano envolvente (Cardoso & Perista, 1994) e as suas características arquitectónicas e sociais assumem um simbolismo que facilmente conduz à estigmatização, a qual pode provocar a negativização das identidades relativamente ao bairro e o sentimento de exclusão (Pinto, 1994 citado por Augusto, 2000). Esta periferização, juntamente com a homogeneidade socioeconómica, garantem a estes espaços uma condição de segregação em relação ao centro urbano (Augusto, 2000) e este fenómeno acaba por levar à espacialização da pobreza, concentrando em locais específicos da cidade sectores mais carenciados da população (Maia, 1994 citado por Augusto, 2000).

A homogeneidade arquitectónica e socioeconómica existente nestes bairros contrasta com a heterogeneidade de outros espaços que compõem o tecido urbano e a rotulagem de “Bairros Sociais”, “bairros operários”, “bairros pobres”, acentua a segregação simbólica e amplia a estigmatização (Augusto, 2000).

Em diversos estudos os bairros de realojamento foram caracterizados pela aridez e uniformidade da arquitectura (e.g. Ferreira, 1994; Augusto, 2000); pelo recurso a materiais de construção desvalorizados (e.g. Ferreira, 1994; Cardoso & Perista, 1994); pela falta de espaços públicos e equipamentos sociais colectivos (e.g. Ferreira, 1994; Pinto, 1994 citado por Augusto, 2000); pela deficiência da rede de transportes (Ferreira, 1994); pela localização em zonas periféricas (e.g. Ferreira, 1994; Cardoso & Perista, 1994); pela monofuncionalidade residencial (Guerra, 1994; Pinto, 1994 citado por Augusto, 2000); e por uma Identidade Negativa (Augusto, 2000; Bernardo & Palma-Oliveira, 2005). Estas características traduzem-se em efeitos negativos nos processos de identificação e apropriação dos espaços, por parte dos indivíduos que neles residem, nos processos de integração urbana destes bairros e, conseqüentemente, nos processos de promoção social das suas populações (Ferreira, 1994).

Resumindo as conclusões de alguns dos estudos realizados nos últimos anos, os processos de realojamento: têm resolvido alguns dos problemas derivados das más condições de habitabilidade mas não necessariamente a pobreza e a exclusão social (Cardoso & Perista, 1994); levam à manutenção de grandes agrupamentos de famílias pobres e concentram no seu interior os principais grupos de risco e inúmeros problemas

sociais, levando à interiorização da exclusão (Cardoso & Perista, 1994; Augusto 2002); acentuam a segregação espacial (Cachado, 2009) e social (Freitas, 1995; Cardoso & Perista, 1994) e fomentam as desigualdades sociais (Freitas, 1995), pois isolam os moradores em zonas menos acessíveis, sub-equipadas e deficientemente integradas na cidade, o que dificulta a adaptação ao novo alojamento (Cardoso & Perista, 1994); podem resultar em experiências muito negativas com impacto tanto na saúde psicológica como física (Bernardo & Palma-Oliveira, 2005); e contribuem para uma redução da frequência e intensidade das interações entre vizinhos e para uma visão mais negativa dos mesmos (Bernardo & Palma-Oliveira, 2005). A guetização⁷ acaba por ser normalmente a consequência de todo o processo (Guerra, 1994).

Os processos de realojamento, como têm sido desenvolvidos, não só não resolvem os problemas de inserção social como podem desencadear novos problemas sociais ligados aos fenómenos de isolamento social e quebra de laços comunitários fundamentais para o equilíbrio identitário das populações (Freitas, 1995). Como Augusto (2000) o descreve, o realojamento é frequentemente apresentado como um choque traumático.

1.7. Realojamento, Sentido de Comunidade e Apoio Social Percebido

Considerando o que foi acima descrito, torna-se evidente que a simples partilha de um espaço, um lugar, não gera automaticamente uma Comunidade (Amaro, 2007) ou seja, as relações não se formam só porque os indivíduos vivem lado a lado ou têm a mesma condição económica (Bonetti, 1994 citado por Freitas, 1995).

Como se tentou deixar claro neste capítulo, a satisfação com o local de residência, e o desenvolvimento de identidade local são processos complexos influenciados por muitos factores cognitivos e sociais. Em 1998, Prezza e Constantini, introduzem o *Sentido de Comunidade* como uma importante variável no desenvolvimento da *Satisfação Residencial*, uma vez que encoraja o sentido de identificação com o local, a auto-confiança e facilita as relações sociais.

Em 1999, Kingston, Mitchell, Florin e Stevenson, desenvolveram um estudo em que os resultados dão suporte à ideia de que, os bairros urbanos podem actuar como *locus* de, pelo menos alguns, aspectos do Sentido de Comunidade. Estes investigadores descobriram que níveis de clima do bairro, percepção de controlo sobre as condições do

⁷ Entende-se que os autores se referem ao isolamento do território em relação ao resto da cidade, a criação de um gueto físico e psicológico em que as deslocações do exterior para o interior e vice-versa são limitadas.

bairro, comportamentos de vizinhança e participação em organizações comunitárias, são mais semelhantes entre indivíduos residentes no mesmo bairro que entre indivíduos residentes em bairros diferentes.

Na revisão teórica realizada, não foram encontrados estudos que relacionassem directamente o Sentido de Comunidade ou o Apoio Social Percebido com os processos de realojamento, mas alguns autores encontraram, nos seus estudos, relações entre características encontradas nos bairros de realojamento, e cada uma destas variáveis. Nasar e Julian (1995) relacionam a monofuncionalidade dos bairros com o desenvolvimento do Sentido de Comunidade, concluindo que quanto mais variado é o uso do espaço, mais se desenvolve este Sentido de Comunidade. Sendo os bairros de realojamento caracterizados por uma grande monofuncionalidade residencial (Augusto 2000), será de esperar que o Sentido de Comunidade, nestes bairros, seja menor que em bairros com uso do espaço mais variado.

A *Participação* é outra variável com a qual o *Sentido de Comunidade* aparece relacionado. A *Participação* contribui para aumentar o Sentido de Comunidade e a responsabilidade a nível individual e para diminuir o sentimento de alienação e de anonimato, e os indivíduos que tomam parte activa em organizações comunitárias, têm maior sentido de competência e controlo (ver, entre outros, Langer & Rodin, 1976; Florin & Wadersman, 1984; Stone & Levine, 1985 citados por Colombo et al., 2001). Os bairros sociais são referidos, pela maioria das pesquisas, como espaços onde a participação dos actores sociais é menos visível (Augusto, 2000), o que poderá inibir o desenvolvimento do Sentido de Comunidade.

Nos bairros de realojamento existe um sentimento muito significativo de saudade em relação à vivência quotidiana nos bairros anteriores (Freitas 1995), agravado pelo facto de as pessoas se sentirem obrigadas a viver naquele espaço. A maior parte da população destes bairros sente que não tem escolha em relação ao espaço onde reside (Cardoso & Perista, 1994), afirmando muitas vezes que moram no bairro porque “não têm dinheiro para morar noutra sítio”. Obst e White (2007) descreveram a associação entre o grau/poder de escolha de um indivíduo na pertença a um grupo comunitário, e os níveis de identificação social e percepção de *Sentido de Comunidade*. Estes autores concluíram que quanto maior é o poder de escolha em relação à pertença a determinada comunidade, mais identificado este elemento se sente e mais elevado é o *Sentido de Comunidade* que apresenta. Mais uma vez, na maior parte dos bairros

sociais, criados por processos de realojamento, o fraco poder de escolha poderá ter um efeito inibidor sobre este sentimento.

Segundo McMillan (1996), a coesão aumenta quando as pessoas sabem o que podem esperar umas das outras; pensando nos bairros de realojados, onde as diferenças culturais são muito acentuadas e os valores são muito diferentes, é mais difícil os indivíduos atingirem a percepção de que sabem o que podem esperar dos outros. A heterogeneidade cultural pode ser também inibidora de outra dinâmica, essencial para o desenvolvimento comunitário, - a procura da semelhança (McMillan, 1996) – os membros procuram aqueles com quem partilham traços, o relacionamento começa com a partilha de semelhanças. Também para Augusto (2000), a homogeneidade social, económica e cultural é um factor de identidade.

O processo de realojamento acabou de ser descrito como um grande corte na vinculação com o ambiente sócio-físico, uma interrupção dos processos de identificação e apropriação dos espaços e um potenciador da dissolução de relações de vizinhança e de laços comunitários. A dissolução de redes sociais e de apoio, é um fenómeno comum nestes processos e pode levar à diminuição do sentimento de Apoio Social Percebido.

Após o realojamento, os “novos bairros”, pelas suas características físicas, pelo estigma que carregam e também pela sua posição periférica, em situação de segregação social, tornam-se inibidores da formação de novas interações e relações e do desenvolvimento do sentimento de pertença, de influência, de integração e satisfação de necessidades e de ligações emocionais partilhadas. Face a este cenário, é legítimo pensar-se que o desenvolvimento de Sentimento de Comunidade e de Apoio Social Percebido relativamente ao bairro de residência possam ser inibidos nos bairros resultantes de processos de realojamento.

1.8. O Plano Especial de Realojamento - PER

O PER é o Plano Especial de Realojamento nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto. Aparece integrado no âmbito do Programa Nacional de Luta contra a Pobreza e é apresentado no Decreto-Lei nº 163/93 de 7 de Maio de 1993 (Freitas, 1995). Tem como principais objectivos erradicar as barracas, envolver os municípios de forma vinculada no processo e potenciar, com o realojamento, uma mudança no estilo de vida supostamente associado aos bairros degradados. O programa teve sempre como premissa de base, a ideia de que as condições de habitação degradadas favorecem

comportamentos desviantes e que o melhoramento destas condições iria criar condições para uma plena integração destas populações e combater os problemas de criminalidade, prostituição e toxicodependência e da exclusão social (Cachado, 2009).

Apesar dos indícios já existentes na informação científica, de que a simples alteração das condições habitacionais não seria suficiente para combater todos estes problemas e que estaria na origem de novas questões sociais, o PER manteve algumas características dos processos de realojamento que perpetuam e desenvolvem os problemas de pobreza e exclusão social (Cachado, 2009). São exemplo dessas características, a construção massiva, realojamentos concentrados, populações de grande precariedade económica e com graves problemas sociais, serviços de administração burocratizados (Ferreira, 1994), e a heterogeneidade cultural dos bairros (Guerra, 1994). Muitos dos realojamentos fizeram-se longe dos centros urbanos, acentuando a segregação espacial dos moradores, e em blocos de ocupação habitacional massiva, com poucas infra-estruturas de base. É um programa que enfrentou diversas dificuldades contextuais como por exemplo as alterações das necessidades específicas entre o momento do recenseamento e o momento do realojamento, como o aumento das famílias e as suas alterações ao longo dos anos por mortes, nascimentos, casamentos, separações, etc., agravadas pela variedade cultural das populações (CEG, 2006; Cachado, 2009).

1.9. O bairro PER da Ameixoeira

A freguesia da Ameixoeira situa-se na periferia norte do concelho de Lisboa, junto à fronteira com o município de Odivelas. Caracterizada por uma grande heterogeneidade sócio-urbanística, bem como por fortes discontinuidades e pela desqualificação paisagística, é uma área relativamente circunscrita, de difícil acesso rodoviário, isolada do restante tecido urbano da cidade, através de importantes eixos viários que funcionam como barreiras físicas (CEDRU, 2010b).

O realojamento neste bairro teve início em 2001 e acolheu famílias antes residentes nas proximidades (população oriunda deste mesmo território), nomeadamente, do antigo bairro das Galinheiras, mas também de outras freguesias do concelho de Lisboa, principalmente da Charneca e de Carnide (CEG, 2006).

O realojamento juntou assim residentes de diversas origens num grande conjunto de blocos de apartamentos que constituem cerca de 4 bairros: a zona 1B, zona 2, zona 3

e zonas 4+6. O alojamento de todas as famílias foi feito desintegrando a maior parte das comunidades de origem, ou pelo menos dispersando-as.

O realojamento antecedeu a construção de infra-estruturas de transporte e equipamentos básicos, aumentando o isolamento da população com menor capacidade de mobilidade e dificultando o acesso a bens e serviços essenciais (CEG, 2006).

Apesar do esforço realizado para criar uma mistura social e alterar a uniformização territorial, o território apresenta fortes debilidades no investimento em equipamentos colectivos e infra-estruturas de transportes, e uma rarefacção das actividades de comércio e serviços. Tendo-se gerado assim uma monofuncionalidade residencial e fomentado um forte isolamento. A homogeneidade arquitectónica é muito marcada sendo os lotes sempre iguais em cada zona e semelhantes de zona para zona, com estruturas que visualmente permitem a fácil identificação destes edifícios (ver apêndice I, imagens 1, 2, 3 e 4). A articulação destes factores com o predomínio de residentes vulneráveis em termos sociais e económicos potencia a emergência de fenómenos de segregação social e estigmatização territorial desta área (CEDRU, 2010b). Este território e a sua população estão caracterizados de forma mais pormenorizada no apêndice I.

1.10. O bairro PER da Alta de Lisboa

A Alta de Lisboa constitui-se actualmente como um extenso território localizado no sector Norte da cidade, limitada pelas barreiras físicas que constituem a 2ª Circular, o Aeroporto Internacional de Lisboa e, mais recentemente, o Eixo Norte-Sul (CEDRU, 2010a).

Este território integra um total de 21 micro-territórios dispersos por duas freguesias, Lumiar e Charneca, separadas pelo Parque Oeste, uma das mais modernas e recentes áreas verdes da cidade, situada junto do eixo rodoviário fundamental Norte-Sul.

O realojamento neste território realizou-se também ao abrigo do programa PER, e a avaliação dos candidatos começou em 1997, tendo sido feito o deslocamento dos residentes principalmente entre 2000 e 2001 e terminando apenas em 2007. Após todo o processo formou-se o novo bairro da Alta de Lisboa, com uma população muito heterogénea, com origens geográficas, étnicas e culturais muito diversificadas.

Este bairro apresenta uma particularidade importante, os lotes de realojamento estão integrados num bairro de nível socioeconómico médio-alto, ou seja, os lotes foram construídos lado a lado com lotes de venda livre (ver apêndice I, imagens 5, 6, 7 e 8), o que funciona como factor inibidor da estigmatização. Este território e a sua população estão caracterizados de forma mais pormenorizada no apêndice I.

Capítulo II – Metodologia

2.1. Objectivos e Questões de investigação

Este estudo tem como objectivo central a análise da influência da situação de realojamento na percepção do *Sentido de Comunidade* e no *Apoio Social Percebido*. A investigação pretende verificar se as variáveis diferem significativamente entre populações de realojados e uma população normativa. Especificando este objectivo geral, foram definidos como objectivos orientadores da investigação: 1) medir o *Sentido de Comunidade* e o *Apoio Social Percebido* em dois bairros PER diferentes comparando os valores com os de uma amostra normativa composta por indivíduos, da população portuguesa, residentes em diferentes áreas do país; 2) comparar o *Sentido de Comunidade* e o *Apoio Social Percebido* nas duas amostras de populações realojadas; 3) verificar a existência de relação entre o *Sentido de Comunidade* e *Apoio Social Percebido*, em cada uma das três populações.

De acordo com a revisão de literatura realizada, partindo da questão inicial e em função dos objectivos estabelecidos, foram formuladas as seguintes questões de investigação, orientadoras do estudo:

Questão de investigação 1: Na amostra da população normativa a percepção do *Sentido de Comunidade* é significativamente mais elevada que nas amostras de populações dos bairros PER?

Questão de investigação 2: A percepção do *Sentido de Comunidade*, por parte dos indivíduos realojados, varia significativamente entre moradores de bairros de realojamento distintos (PER da Alta de Lisboa e PER da Ameixoeira)?

Questão de investigação 3: Na amostra da população normativa o *Apoio Social Percebido* é significativamente mais elevado que nas amostras dos bairros PER?

Questão de investigação 4: O *Apoio Social Percebido*, dos indivíduos realojados, varia significativamente entre moradores de bairros de realojamento distintos (PER da Alta de Lisboa e PER da Ameixoeira)?

Questão de investigação 5: Existe uma correlação significativa entre a percepção do *Sentido de Comunidade* e o *Apoio Social Percebido* em cada uma das populações em estudo?

2.2. Selecção e Caracterização das Amostras

Para a realização deste estudo foram recolhidas 3 amostras. As três são amostras de conveniência: a primeira, pretende ter o papel de amostra de controlo - amostra normativa; as outras duas são representativas de populações que sofreram processos de realojamento. As duas últimas foram recolhidas nos bairros PER da Ameixoeira e da Alta de Lisboa, tendo sido escolhidos estes dois bairros por uma maior facilidade de recolha de dados. Todo o processo de recolha de cada uma das amostras será apresentado no ponto 2.4 deste capítulo. As amostras, normativa e do bairro da Alta de Lisboa, servem também de base a outras duas investigações desenvolvidas no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia do Núcleo de Psicologia Sistémica (Carapinha, 2010; Glória, *no prelo*).

2.2.1 Amostra Normativa

A amostra normativa é constituída por 55 sujeitos com idades compreendidas entre os 18 e os 85 anos, ($M=37,44$ anos, $dp=7,34$ anos) residentes em Portugal. Destes, 32 são mulheres (58,25%) e 23 homens (41,8%) e apenas 2 indivíduos não têm nacionalidade portuguesa. Cerca de metade dos indivíduos são solteiros (49,1%) sendo a segunda maior percentagem de indivíduos casados (36,4%) e a viver em união de facto (7,3%) havendo também indivíduos divorciados (1,8%) e viúvos (5,5%).

Os agregados familiares nesta amostra estão compreendidas entre 1 e 5 elementos ($M=3$ elementos) e o número médio de filhos dos participantes é de 0,80 (min:0 filhos e máx:3 filhos).

Quanto ao nível de escolaridade da amostra normativa, apenas 9,1% dos indivíduos tem menos que o 9º ano de escolaridade, ou seja, apenas 5 pessoas não frequentaram o ensino obrigatório. A maior percentagem de indivíduos da amostra tem o 12º ano ou equivalente completo (40,0%) e 76,4 % dos indivíduos que compõem a amostra, têm mais do que o ensino obrigatório concluído, sendo que 20 pessoas têm ou frequentam formações superiores (ver apêndice II, Tabela1).

Nesta amostra, 41,8% dos indivíduos sempre residiu no bairro onde reside actualmente e o tempo médio de residência no bairro actual é de cerca de 23 anos ($dp=19,5$ anos). Apenas 6 pessoas (10,9%) trabalham no bairro onde residem e 60% dos inquiridos, não participa em actividades de nenhum tipo no bairro onde reside.

Quanto ao estado de actividade da população desta amostra, 70,9% dos participantes são activos ou reformados, 23,6% são estudantes e 5,5% são domésticas ou desempregados (ver apêndice III, Tabela1).

A maioria dos participantes reside na zona da Grande Lisboa (43,6%), 32,7% reside no Sul do país, 21,8% na zona Centro e 1,8% são residentes do Norte.

2.2.2. Amostra bairro PER da Ameixoeira

A amostra de dados recolhida na Ameixoeira é composta por 55 sujeitos, residentes nos blocos de realojamento do PER, com idades compreendidas entre os 18 e os 82 anos ($M=37,10$ anos; $dp=17,13$ anos). A amostra é composta por 32 mulheres (58,2%) e 23 homens (41,8%) e do total de respondentes, 45 são portugueses (81,8%), 4 são Angolanos (7,3%), 4 são naturais de São Tomé e Príncipe (7,35%) e 1 da Guiné (1,8%).

Sensivelmente metade dos indivíduos é solteira (50,9%) sendo a segunda maior percentagem de indivíduos casados (21,8%) e a viver em união de facto (20,0%) havendo também indivíduos divorciados (1,8%) e viúvos (5,5%). Os agregados familiares desta amostra estão compreendidos entre 1 e 12 elementos tendo em média 4 elementos ($dp=2$ elementos). O número médio de filhos dos participantes é de 1,85 com um desvio padrão de 1,59 (min.:0 filhos e máx.:5 filhos).

Quanto ao nível de escolaridade, nesta amostra, 59,3% dos inquiridos têm menos que o 9º ano de escolaridade e apenas 18,5% da amostra têm mais do que a escolaridade obrigatória. Não existem inquiridos com frequência de ensino superior e 31,5% tem o 4ºano de escolaridade ou menos sendo que 13% não tem sequer o ensino básico concluído (ver apêndice II, Tabela2).

Cerca de 69% dos inquiridos respondeu que vive há menos de 10 anos no bairro (coincidindo com a data dos primeiros realojamentos, 2001), os restantes 30% dizem sempre ter vivido no mesmo bairro. Possivelmente, para todas estas respostas inesperadas, o respondente interpretou, “bairro” como o território físico, pois houve populações que anteriormente ao realojamento, viviam em bairros situados na mesma zona geográfica onde hoje se situam os PER.

Quanto ao estado de actividade nesta amostra, a percentagem de desempregados é muito elevada 31,5% (comparativamente à que foi identificada no território⁸ - 19% já de si elevada quando comparada com a percentagens do país⁹ - 7,6% e do concelho de Lisboa⁹ - 8,2%). Menos de metade dos participantes está na condição de activo ou reformado (42,6%), os estudantes representam 20% da amostra e as domésticas 5,6% (ver Apêndice III, Tabela2).

Nesta amostra, 12,7% dos indivíduos trabalha ou estuda no bairro onde reside e 65,5% não participa em actividades no bairro.

2.2.3 Amostra bairro PER da Alta de Lisboa

A amostra de dados recolhida na Alta de Lisboa é composta por 55 sujeitos, residentes nos blocos de realojamento do PER, com idades compreendidas entre os 18 e os 77 anos (M=37,18 anos; dp=16,35 anos). É composta por 34 mulheres (61,8%) e 21 homens (38,2%) e do total de respondentes, 52 são portugueses (94,5%), 2 Angolanos (3,6%) e 1 Santomense (1,8%).

Mais de metade dos indivíduos são solteiros (58,2%) sendo a segunda maior percentagem de indivíduos casados (12,7%) e a viver em união de facto (10,9%) havendo também indivíduos divorciados (1,8%) e viúvos (9,1%). Os agregados familiares desta amostra estão compreendidos entre 1 e 9 elementos tendo em média 4 elementos (dp=2 elementos). O número médio de filhos dos participantes é de 1,87 com um desvio padrão de 1,75 (min.:0 filhos e máx.:6 filhos).

Quanto ao nível de escolaridade, 65,5% dos indivíduos tem menos que o 9º ano de escolaridade e só 16,4% da amostra têm mais do que a escolaridade obrigatória. Apenas 1 inquirido frequenta o ensino superior e 43,6% tem o 4ºano de escolaridade ou menos e 14,5% não tem sequer o ensino básico concluído (ver Apêndice II, Tabela3).

Nesta amostra 56% dos inquiridos respondeu que reside há menos de 10 anos no bairro (coincidindo estas respostas com as datas dos realojamentos, começados em 2001), os restantes 4% dizem residir há mais de 10 anos e 40% afirma sempre ter residido no mesmo bairro. Tal como se verificou na amostra da Ameixoeira, também nesta amostra, para todas estas respostas inesperadas, o respondente, possivelmente,

⁸ Dados da avaliação Socioeconómica Intercalar do território do Programa K´CIDADE na Ameixoeira elaborada pelo Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano, Lda. A análise está sustentada nos resultados do inquérito em painel realizado a 355 agregados familiares e aplicado no 1º semestre de 2009 (CEDRU;2010b).

⁹ Dados do INE (Instituto Nacional de Estatística) para o ano de 2008, apresentados no Anuário Estatístico da Região Centro.

interpretou, “bairro” como o território físico, pois houve populações que anteriormente ao realojamento, viviam em bairros situados na mesma zona geográfica onde hoje se situam os PER.

Quanto ao estado de actividade nesta amostra, a percentagem de desempregados é muito elevada 27,8%. Menos de metade dos participantes está na condição de activo ou reformado (44,4%), os estudantes representam apenas 7,4% da amostra e as domésticas representam 20,4% (ver apêndice III, Tabela3).

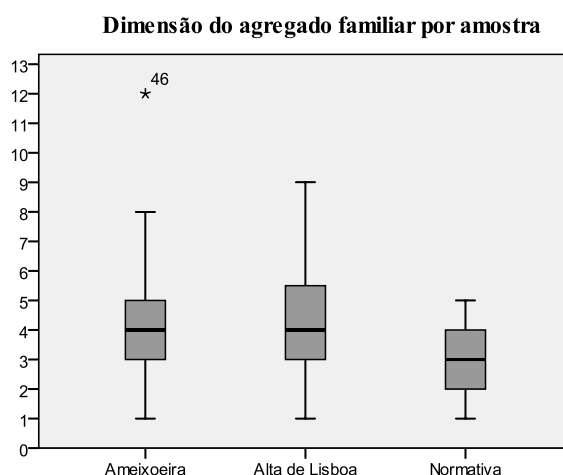
Nesta amostra 16,4% dos indivíduos trabalha ou estuda no bairro onde reside e 50,9% não participa em actividades no bairro, 27,3% participa num tipo de actividade e 20,0% participa em 2 tipos de actividades e 1,8% em 5 tipos de actividades.

2.2.4. Descrição Comparativa das Amostras

Resumindo, as três amostras em estudo têm a mesma dimensão, proporções de sexo e idade semelhantes mas apresentam outras características sócio-económicas bastante diversas.

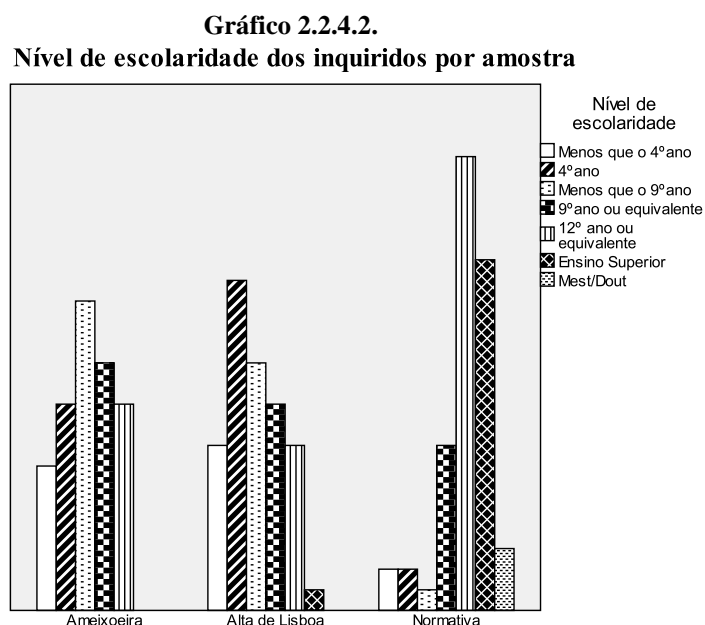
Como se pode observar através do Gráfico 2.2.4.1., a dimensão do agregado familiar varia entre as três amostras: nas duas amostras de realojados, a média de habitantes por residência, é superior à encontrada na amostra normal. A percentagem de famílias numerosas é também superior nestas duas amostras: na amostra da Ameixoeira as famílias com 5 ou mais elementos representam 43,6%, na Alta de Lisboa 41,8% e na amostra normativa apenas 9,1%.

Gráfico 2.2.4.1



Também em relação ao número médio de filhos as amostras de realojados apresentam valores mais elevados que a amostra normal (ver apêndice IV, gráficos 1e2).

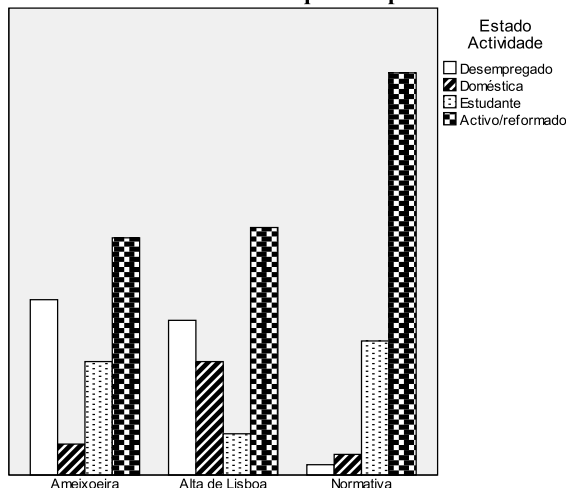
Comparando o nível de escolaridade dos inquiridos nas três amostras em estudo, é possível observar que o nível de instrução dos inquiridos na amostra normativa é muito superior ao dos inquiridos nas duas amostras de realojados. Na amostra normativa a maior parte de inquiridos completou o ensino secundário ou frequenta o ensino superior enquanto nas amostras de realojados a maior parte de inquiridos não completou sequer o ensino obrigatório (9º ano ou equivalente). Comparando as duas amostras de realojados, a amostra da Alta de Lisboa tem maior número de indivíduos que apenas frequentaram o ensino básico (4º ano) enquanto na Ameixoeira, a quantidade de inquiridos acima do 4ºano mas abaixo do 9ºano (inclusive) é mais representativa. Na Ameixoeira nenhum inquirido frequentou mais do que o ensino secundário e na Alta de Lisboa apenas um inquirido tem o ensino superior (Gráfico 2.2.4.2.).



Em relação ao estado de actividade, as 3 amostras também são bastante diversas; a percentagem de desempregados nas amostras de realojados é consideravelmente maior que na amostra normativa, enquanto na amostra normativa o grupo dos activos/reformados é claramente maior. Na Alta de Lisboa destaca-se a percentagem reduzida de estudantes e a elevada percentagem de domésticas (Gráfico 2.2.4.3.).

Gráfico 2.2.4.3.

Estado de actividade dos inquiridos por amostra



Quanto à participação em actividades de diversos tipos, como actividades de voluntariado, escuteiros, de lazer, desportivas, relacionadas com a religião e comunitárias, no bairro de residência, todas as amostras apresentam uma média inferior a um, o que significa que a grande maioria dos inquiridos não participa em nenhuma actividade do bairro. Embora os níveis de participação sejam sempre reduzidos, a amostra normativa é a que apresenta os valores mais reduzidos e a Alta de Lisboa os valores mais elevados (ver apêndice IV, gráfico 3).

2.3. Instrumentos

Para se medir a Percepção do Sentido de Comunidade e o Apoio Social Percebido nas 3 amostras em estudo, foram utilizadas, respectivamente, a *Escala Breve de Sentido de Comunidade - EBSC* (Peterson, Speer & McMillan, 2008; versão adaptada por Marante, *no prelo*) e a *Escala de Provisões Sociais - EPS* (Cutrona & Russel, 1987; versão adaptada por Moreira & Canaipa, 2007). A escolha destes instrumentos prende-se com a boa capacidade psicométrica revelada, com a boa fundamentação teórica, com o facto de serem instrumentos validados com amostras portuguesas, e, sobretudo a EBSC, por ser uma escala breve.

As escalas foram aplicadas juntamente com um questionário de recolha de dados sócio-demográficos que permitem a caracterização das amostras em estudo. Os instrumentos foram apresentados a todos os sujeitos na mesma ordem, primeiro o questionário de dados sócio-demográficos, a *Escala Breve de Sentido de Comunidade - EBSC* e por fim a *Escala de Provisões Sociais - EPS*.

a) Questionário de dados sócio-demográficos

Como referido anteriormente foram recolhidos alguns dados pessoais dos participantes, de forma a caracterizar as amostras e a analisar possíveis correlações entre variáveis sócio-demográficas e as duas variáveis em estudo, o *Sentido de Comunidade* e o *Apoio Social Percebido*. O questionário era composto por 11 questões e foi formulado a partir de uma adaptação do questionário elaborado por Marante (*no prelo*, ver anexo D). As alterações feitas foram sempre no sentido de facilitar a compreensão dos participantes, e de adaptar, o melhor possível, o questionário às populações em estudo e aos objectivos da investigação. O questionário aplicado à amostra da Alta de Lisboa incluía ligeiras alterações nas perguntas relativas ao tempo e local de residência pois a amostra foi também utilizada na investigação de Carapinha (2010). No cabeçalho do questionário foi garantida a confidencialidade de todas as respostas e o anonimato. Foi pedido aos inquiridos que respondessem a todas as questões, deixando explícita a não existência de respostas certas ou erradas e que as respostas deveriam ser dadas em função do que o inquirido pensa e sente realmente. Este questionário continha uma pergunta sobre a profissão, formulada de acordo com a Classificação Nacional de Profissões (CNP), que, por inexperiência das investigadoras, não incluía exemplos específicos das profissões pertencentes a cada categoria. Este aspecto dificultou muito a sua interpretação principalmente nas amostras dos bairros de realojados, em que as populações são menos instruídas. Devido à existência de muitas respostas ambíguas e inválidas, os dados obtidos com esta pergunta não foram analisados neste trabalho.

b) Escala Breve de Sentido de Comunidade – EBSC

No presente estudo, a percepção do *Sentido de Comunidade* é medida através da *Escala Breve de Sentido de Comunidade*¹⁰, versão portuguesa, traduzida e adaptada por Marante (*no prelo*), da *Brief Sense of Community Scale (BSCS)* de Peterson, Speer & McMillan (2008). Esta é uma escala breve, composta apenas por 8 itens simples e foi desenvolvida com base nas dimensões de Sentido de Comunidade propostas pelo modelo teórico de McMillan & Chavis (1986). As dimensões do modelo estão todas representadas por dois itens: *Satisfação de Necessidades* (e.g.1. *Consigo obter o que necessito neste bairro.*), *Estatuto de Membro* (e.g. 3. *Sinto-me como um membro deste bairro*), *Influência* (e.g. 5. *Se quiser posso colaborar com o que se passa neste bairro.*) e *Ligações Emocionais* (e.g. 7. *Sinto-me ligado(a) a este bairro*). Peterson, Speer &

¹⁰ Por não terem ainda sido publicadas, as escalas não são apresentadas em anexo neste trabalho. Estas poderão ser requeridas através de marianacolaco@hotmail.com

McMillan (2008) comprovaram a validade desta escala como medida que fornece suporte empírico à compreensão do modelo multidimensional proposto por McMillan & Chavis (1986).

Comparando os valores relativos à precisão dos resultados obtidos na escala adaptada por Marante (*no prelo*) - *EBSC* e os valores obtidos por Peterson et al. (2008) – *BSCS* (Quadro 2.3.1.), verifica-se que o valor de alfa de Cronbach para o total da *EBSC* revela uma boa consistência interna, no entanto, o valor obtido na dimensão influência é reduzido.

Quadro 2.3.1. Precisão por alfa de Cronbach da *BSCS* e *EBSC*

	Total	Satisfação Necessidades	Estatuto Membro	Influência	Ligações Emocionais
Alfa Cronbach <i>BSCS</i>	.92	.86	.94	.77	.87
Alfa Cronbach <i>EBSC</i>	.84	.82	.88	.33	.75

Especificando a análise aos dois itens que constituem esta dimensão, a correlação item-total da *EBSC* permite levantar a hipótese de que este valor baixo se deve ao item 6 (correlação item-total corrigida .18). Uma possível explicação está ligada com a tradução portuguesa que se utilizou para este item. Outra hipótese possível está relacionada com o facto do item 6 ser o único que se relaciona com uma percepção de acção “dos outros” e não se centra apenas no próprio inquirido (6. *As pessoas deste bairro conseguem influenciar-se umas às outras*). Ambos os factores podem ter influenciado um valor de alfa reduzido deste item.

De forma a tentar melhorar a consistência interna da *EBSC* e obter uma melhor precisão e validade, numa primeira fase deste estudo, foram feitas alterações na escala e aplicada a uma amostra normativa (N=211), juntamente com uma outra escala, originalmente italiana, que mede o *Sentido de Comunidade* (ver Glória, *no prelo*).

As alterações feitas de início foram feitas ao nível da escala de Likert na qual os indivíduos deveriam assinalar as suas respostas. Ambos os instrumentos (*BSCS* e *EBSC*) forneciam aos indivíduos uma escala de resposta, tipo likert, de 5 pontos, variando as respostas entre “1 – discordo fortemente” e “5 – concordo fortemente”, com a opção neutra “3 – Não concordo nem discordo”. A alteração realizada consistiu na eliminação de um dos pontos, delineando uma escala de resposta com 4 opções, que não inclui uma opção neutra (1 – discordo fortemente, 2 – discordo, 3 - concordo e 4 – concordo fortemente), retirando a hipótese de os indivíduos darem respostas de tendência central, que dificultariam a análise e interpretação de resultados. Esta alteração cumpriu também

o objectivo de uniformizar todo o questionário visto que a *Escala de Provisões Sociais*, também aplicada neste estudo, tem uma escala de resposta, tipo Likert, também de 4 pontos, e assim mantém-se uma coerência de resposta, útil para evitar alguns erros que poderiam decorrer desta situação.

Ao nível da redacção dos itens, foram também realizadas algumas alterações. Na escala de Marante (*no prelo*) era pedido aos inquiridos que se reportassem à “área de residência, bairro ou comunidade local”, estes termos foram substituídos apenas pelo conceito “bairro” para ser mais simples e conciso. Foi também retirado o “Eu” do início de todos os itens por se considerar desnecessário no âmbito da escrita portuguesa. E, por último, foram feitas alterações nos dois itens que causavam maior problema ao nível da consistência interna da escala, os dois da dimensão influência. Assim, o item 5 que se apresentava como “Eu tenho uma palavra a dizer sobre o que se passa na minha comunidade” foi alterado para “Se quiser posso colaborar com o que se passa no meu bairro”. O item 6 deixou de ser “As pessoas, desta comunidade, conseguem influenciar-se umas às outras” e passou a apresentar-se como “As pessoas deste bairro influenciam-se umas às outras”. Estes dois itens foram alterados com base na escala original (*BSCS*), fez-se uma nova tradução tentando uma maior aproximação ao significado original dos itens (5. “I have a say about what goes on in my neighborhood” e 6. “People in this neighborhood are good at influencing each another”). As instruções do cabeçalho foram também alteradas para que fossem mais esclarecedoras.

Como referido anteriormente, para obter melhor precisão e testar a validade externa da *EBSC*, enquanto medida do *Sentido de Comunidade*, esta escala, com as novas alterações a que foi sujeita, foi aplicada conjuntamente com outra escala que mede a mesma variável – a *Multidimensional Sense of Community Scale – MTSOCS* (Prezza, Pacilli, Barbaranelli & Zampati, 2009), a uma amostra de 211 sujeitos residentes em Portugal e com mais de 18 anos (ver Glória, *no prelo*).

c) Escala de Provisões Sociais – EPS

Para avaliar o *Apoio Social Percebido* foi utilizada a versão portuguesa da *Social Provisions Scale - SPS* (Cutrona & Russel, 1987) – a *Escala de Provisões Sociais*¹⁰, adaptada por Moreira & Canaipa (2007). A *SPS* foi desenvolvida por Cutrona e Russel (1987) de forma a operacionalizar a concepção multidimensional de Apoio Social Percebido do sociólogo Robert Weiss (1974, citado por Moreira & Canaipa, 2007) e obter suporte empírico para a hipótese teórica deste autor. De acordo com o modelo

teórico deste autor as provisões sociais referem-se às componentes do Apoio Social, ou seja, os recursos específicos, que o indivíduo obtém em contexto de relações sociais e que são necessários quando enfrenta situações de stress. As provisões de Weiss são seis: Aconselhamento (*Guidance*), (e.g. 16. *Há uma pessoa digna de confiança a quem eu poderia recorrer para me aconselhar se estivesse a ter problemas*); Aliança Fiável (*Reliable Alliance*), (e.g. 1. *Há pessoas com quem posso contar numa emergência*); Vinculação (*Attachment*), (e.g. 17. *Sinto uma forte ligação emocional com pelo menos uma outra pessoa*); Integração Social (*Social Integration*), (e.g. 8. *Sinto-me parte de um grupo de pessoas que partilham as minhas atitudes e crenças*); Reafirmação de Valor (*Reassurance of Worth*), (e.g. 20. *Há pessoas que admiram os meus talentos e capacidades*); e Oportunidade de Prestação de Cuidados (*Opportunity for Nurture*), (e.g. 7. *Sinto-me pessoalmente responsável pelo bem-estar de outra pessoa*) (Moreira & Canaipa, 2007).

De acordo com a revisão feita por Moreira e Canaipa (2007), estas seis provisões sociais foram operacionalizadas por Cutrona e Russel, em 1978, e desta forma foi constituída a *Escala de Provisões Sociais*, inicialmente com 12 afirmações, em que cada uma das provisões estava representada por uma afirmação no sentido positivo e outra no sentido negativo, com objectivo de minimizar os efeitos de ordem. Numa nova versão da escala, (Cutrona & Russel, 1987), foram acrescentadas mais 12 afirmações, ficando assim a escala com 24 itens, quatro por cada provisão. As alterações na escala permitiram aumentar o nível de precisão dos resultados e na aplicação inicial, Cutrona e Russel (1987) encontraram coeficientes alfa para cada uma das provisões que variaram entre .65 e .76, e um coeficiente de escala total de .91. Para testar a existência das seis provisões, evidenciadas no modelo teórico de Weiss (1974, citado por Moreira e Canaipa 2007), os autores da escala, realizaram uma análise factorial confirmatória que demonstrou um bom ajustamento, ou seja, os factores encontrados correspondiam claramente às seis provisões sociais. Uma análise factorial de segunda ordem, evidenciou a existência de um factor de apoio social geral que revela o facto de as seis provisões avaliarem diferentes facetas do mesmo constructo, o *Apoio Social Percebido* (Moreira e Canaipa, 2007).

Foram realizados vários estudos empíricos que revelaram boas qualidades psicométricas da escala e demonstraram que é um bom instrumento para fazer uma

avaliação multidimensional do Apoio Social, com clara evidência das diversas componentes do Apoio Social Percebido.

Moreira e Canaipa (2007) traduziram e adaptaram a *SPS* para a população portuguesa, mantendo a estrutura e princípios teóricos da escala original. Com uma amostra de 182 estudantes universitários, a análise factorial exploratória evidenciou dois factores, congruentes com os pressupostos da escala original, evidenciando uma importante distinção dentro do conceito de Apoio Social e que os autores distinguiram como Apoio Íntimo e Apoio Casual. O factor *Apoio Íntimo* reúne os itens que se relacionam, predominantemente, com o apoio fornecido através de relações em que existe um maior grau de intimidade e afectividade e, assim, neste factor saturam os itens correspondentes às provisões Aconselhamento, Aliança Fiável, Oportunidade de Prestação de Cuidados e Vinculação. No factor *Apoio Casual*, saturam os itens correspondentes às provisões Reafirmação do Valor e Integração Social, uma vez que este factor está ligado aos itens que se relacionam com aspectos mais sociais do apoio, como a necessidade de partilha de interesses e actividades e a valorização das competências pessoais, podendo este apoio ser fornecido por relações menos próximas (Moreira & Canaipa, 2007).

A análise factorial confirmatória demonstrou a existência de seis factores com razoável ajustamento, o que leva os autores a considerar que também existem vantagens em analisar as seis subescalas em separado, comparando com o uso de apenas duas escalas, e ainda que, o uso de duas escalas apresente vantagens comparando com a utilização de uma escala geral, o que torna possível um grande número de opções para a análise dos resultados da *EPS* (para uma revisão mais detalhada da escala ver Moreira & Canaipa, 2007).

As boas qualidades psicométricas da *EPS* assim como o facto de ser uma escala de fácil preenchimento e com uma linguagem simples e acessível, muito conveniente para um contexto específico, das amostras de indivíduos que vivem nos bairros de realojamento, levaram à escolha deste instrumento no contexto desta investigação.

2.4. Procedimento de Recolha de Dados

Após a escolha das amostras e dos instrumentos a utilizar foi realizado um pré-teste a 5 pessoas, com o intuito de perceber se as questões propostas eram facilmente compreendidas e se havia dúvidas por parte dos sujeitos. Uma versão final foi depois aplicada aos participantes deste estudo.

Sendo as escalas mais adequadas à avaliação de adultos, o único critério de participação foi a idade mínima de 18 anos. A cada inquirido foi entregue um envelope contendo o questionário sócio-demográfico (anexo I), as escalas EBSC e EPS, o termo de consentimento informado (anexo II) e um esclarecimento geral sobre o estudo (anexo III).

Os dados da amostra normativa foram recolhidos nos meses de Dezembro 2009 e Janeiro 2010 e em conjunto com as duas mestrandas já mencionadas. Foi recolhida uma amostra de 211 sujeitos, através das redes sociais das mestrandas, que serviu também de base para o estudo de validação externa da *EBSC* (ver Glória, *no prelo*).

Os dados da amostra do bairro PER da Ameixoeira, foram recolhidos durante os meses de Março e Abril de 2010. Inicialmente as aplicações começaram por ser realizadas com as pessoas que frequentavam e participavam nas actividades desenvolvidas pelo Programa K´CIDADE da Ameixoeira. Posteriormente começaram a ser aplicados questionários na rua e em cafés do bairro.

Preferencialmente, o questionário deveria ser respondido pelo próprio inquirido, mas dados os baixos níveis de escolaridade e literacia da amostra foi sempre oferecido auxílio na leitura e preenchimento das questões, o que acabou por se verificar necessário em muitos dos casos. Assim, para muitos dos inquiridos, o esclarecimento geral sobre o estudo e o pedido de consentimento de participação no estudo foram feitos oralmente e as questões foram lidas e preenchidas pelo experimentador.

A amostra do bairro PER da Alta de Lisboa foi recolhida no âmbito de outra investigação de mestrado onde também se relacionam as variáveis *Sentido de Comunidade* e *Apoio Social Percebido* com o processo de realojamento (ver Carapinha, 2010). O processo de recolha de dados foi semelhante ao descrito para a amostra do bairro PER da Ameixoeira.

Para efeitos de análise de dados, visto que as amostras não apresentam distribuições normais, procedeu-se ao emparelhamento por sexo e idade das amostras, de forma a minimizar efeitos destas variáveis sobre os resultados. Assim as 3 amostras apresentam uma dimensão semelhante de cerca de 55 sujeitos, com frequência de sexo e idade, semelhantes.

Os dados recolhidos foram analisados utilizando o SPSS (Statistical Packages for the Social Sciences) versão 17.0 para Windows.

Capítulo III – Resultados

Neste capítulo são apresentados os resultados da análise de dados efectuada, tendo esta sido orientada pelas questões de investigação.

3.1. Escala Breve de Sentido de Comunidade (EBSC)

Numa primeira análise da *Escala Breve de Sentido de Comunidade*, foram calculados o *alfa de Cronbach*, a média e o desvio padrão para cada uma das amostras em estudo (Quadro 3.1.1.).

Quadro 3.1.1. Alfas de Cronbach, Médias e Desvios-Padrão da EBSC

	<i>Alfa de Cronbach</i>	N	Média	Desvio-Padrão
EBSC Amostra Normativa	.74	55	2,81	.40
EBSC Amostra Ameixoeira	.71	51	2,27	.40
EBSC Amostra Alta Lisboa	.76	54	2,80	.48

Os resultados dos *alphas de Cronbach* encontrados são elevados e revelam uma boa consistência interna da escala nas três amostras em estudo. Quanto ao valor da média da *EBSC* obtido em cada amostra, é sempre superior a 2 e inferior a 3, sendo a amostra do bairro PER da Ameixoeira a que apresenta um valor mais baixo e a amostra normativa a que apresenta um valor mais elevado.

Para se verificar se as diferenças de média da *EBSC* encontradas são significativas, realizou-se uma *ANOVA* para comparar as 3 amostras, umas entre as outras (Quadro 3.1.2.);

Quadro 3.1.2. ANOVA EBSC Total - Comparações Múltiplas

Amostra (I)	Amostra (J)	Diferença de médias (I-J)	Sig.
Ameixoeira N=52	Alta de Lisboa	-.52*	.000
	Normativa	-.53*	.000
Alta de Lisboa N=54	Ameixoeira	.52*	.000
	Normativa	-.01	.997
Normativa N=55	Ameixoeira	.53*	.000
	Alta de Lisboa	.01	.997

* Diferença significativa ao nível de significância de .05.

Os resultados obtidos através da *ANOVA* permitem verificar uma diferença significativa entre a média da *EBSC* da amostra da Ameixoeira e a média da *EBSC* na amostra da Alta de Lisboa $F(2, 158) = -.52, p < .000$ e entre a média da *EBSC* da amostra da Ameixoeira e a média da *EBSC* na amostra normativa $F(2, 158) = -.53, p < .000$ (ver também apêndice V, Quadro1). A interpretação destes resultados leva à

conclusão de que a percepção do *Sentido de Comunidade* é significativamente menor no bairro PER da Ameixoeira relativamente ao bairro PER da Alta de Lisboa e à amostra normativa portuguesa. A diferença de média da *EBSC* entre a Alta de Lisboa e a amostra normativa não apresenta valores significativos. Assim, pensando nas duas primeiras questões de investigação, pode afirmar-se que: 1) a percepção do *Sentido de Comunidade*, na amostra da população normativa, apenas é significativamente mais elevada relativamente a uma das amostras de populações de realojados em estudo – o bairro PER da Ameixoeira; 2) a percepção do *Sentido de Comunidade*, por parte dos indivíduos realojados, varia significativamente entre moradores de bairros de realojamento distintos (PER da Alta de Lisboa e PER da Ameixoeira), sendo menor no bairro PER da Ameixoeira.

Face aos resultados encontrados, foi feita uma análise mais profunda das diferenças na percepção do *Sentido de Comunidade* entre as três amostras, fazendo uma ANOVA para cada uma das dimensões da *EBSC* (Quadro 3.1.3 e 3.1.4).

Quadro 3.1.3. Médias e desvios-padrão das dimensões da *EBSC* por amostra

	Amostra Normativa			Amostra Ameixoeira			Amostra Alta de Lisboa		
	<i>N</i>	Média	<i>DP</i>	<i>N</i>	Média	<i>DP</i>	<i>N</i>	Média	<i>DP</i>
<i>EBSC</i> Total	55	2.81	.40	52	2.27	.40	54	2.80	.48
<i>Satisfação de Necessidades</i>	55	2.86	.68	55	2.13	.72	55	2.40	.60
<i>Estatuto de Membro</i>	55	2.84	.60	52	2.79	.75	55	2.90	.80
<i>Influência</i>	55	2.67	.53	54	2.68	.58	54	2.95	.60
<i>Ligação Emocional</i>	55	2.86	.63	55	2.78	.74	55	2.95	.70

Quadro 3.1.4. ANOVA das dimensões da *EBSC* - Comparações Múltiplas

	Amostra (I)	Amostra (J)	Diferença de médias (I-J)	Sig.
<i>Satisfação de Necessidades</i>	Ameixoeira N=55	Alta de Lisboa N=55	-.26	.103
		Normativa N=55	-.73*	.000
	Alta de Lisboa	Normativa	-.46*	.001
<i>Estatuto de Membro</i>	Ameixoeira N=52	Alta de Lisboa N=55	-.10	.743
		Normativa N=55	-.05	.937
	Alta de Lisboa	Normativa	.05	.917
<i>Influência</i>	Ameixoeira N=54	Alta de Lisboa N=54	-.28*	.032
		Normativa N=55	.00	1.000
	Alta de Lisboa	Normativa	.28*	.029
<i>Ligação Emocional</i>	Ameixoeira N=55	Alta de Lisboa N=55	-.17	.389
		Normativa N=55	-.07	.845
	Alta de Lisboa	Normativa	.10	.727

* Diferença significativa ao nível de significância de .05.

Como se pode observar no Quadro 3.1.4., apenas foram verificadas diferenças de média significativas, relativamente às dimensões da *Satisfação de Necessidades* e da *Influência*. Os resultados obtidos através da ANOVA permitem observar uma diferença significativa entre a média da dimensão da *Satisfação de Necessidades* (da EBSC) da amostra da Ameixoeira, e a média da dimensão da *Satisfação de Necessidades* (EBSC) na amostra Normativa, $F(2, 162) = -.73$ $p < .000$. Também entre a média da dimensão da *Satisfação de Necessidades* da EBSC na amostra da Alta de Lisboa e a média da dimensão da *Satisfação de Necessidades* EBSC na amostra normativa $F(2, 162) = -.46$, $p < .001$. A interpretação destes resultados leva à conclusão de que a *Satisfação de Necessidades* é significativamente mais elevada na amostra normativa quando comparada com as amostras do bairro PER da Ameixoeira e do bairro PER da Alta de Lisboa. Entre os dois bairros de realojados não foi identificada diferença significativa quanto à *Satisfação de Necessidades*.

A dimensão *Influência* é controversa, devido ao item 6, ainda assim foram encontrados resultados significativos que diferenciam a amostra da Alta de Lisboa da amostra normativa ($F(2, 160) = .28$ $p < .029$) e da amostra da Ameixoeira ($F(2, 160) = .278$ $p < .32$). No bairro PER da Alta de Lisboa, os valores da dimensão *Influência* são significativamente mais elevados que os encontrados na amostra normativa portuguesa e também, quando comparados com os do bairro PER da Ameixoeira (Quadro 3.1.3 e apêndice V, Quadro 2).

3.2. Escala de Provisões Sociais (EPS)

Como foi feito para a EBSC, também para a EPS, foram calculados os *alfas de Cronbach*, as médias e os desvios padrão, em cada uma das amostras em estudo (Quadro 3.2.1.).

Quadro 3.2.1. Alfas de Cronbach, Médias e Desvios-Padrão da EPS

	<i>Alfa de Cronbach</i>	N	Média	Desvio-Padrão
EPS Amostra Normativa	.93	55	2.94	.43
EPS Amostra Ameixoeira	.90	49	2.86	.45
EPS Amostra Alta Lisboa	.89	55	2.94	.38

Os resultados dos *alfas de Cronbach* encontrados são bastante elevados e revelam uma consistência interna da escala excelente nas três amostras em estudo. Contrariamente aos resultados encontrados para a EBSC, na amostra do bairro PER da

Alta de Lisboa a consistência interna da *EPS* é a mais reduzida, quando comparadas as três amostras. Esta escala apresenta uma consistência interna mais elevada na amostra normativa. Quanto ao valor da média da *EPS* obtido em cada amostra, é sempre superior a 2 e inferior a 3, sendo a amostra do bairro PER da Ameixoeira a que apresenta um valor mais reduzido.

Para se verificar se as diferenças de média da *EPS* encontradas são significativas, realizou-se uma *ANOVA* para comparar as 3 amostras, umas entre as outras (ver apêndice V, Quadros 3 e 3.1);

Os resultados obtidos através da *ANOVA* não evidenciaram diferenças significativas entre as médias da *EPS* nas três amostras estudadas. Assim, a resposta às questões de investigação 3 e 4, será: 3) Na amostra da população normativa o *Apoio Social Percebido* não é significativamente mais elevado que nas amostras dos bairros PER; e 4) O *Apoio Social Percebido*, dos indivíduos realojados, não varia significativamente entre moradores dos dois bairros, que sofreram processos de realojamento distintos, considerados neste estudo (PER da Alta de Lisboa e PER da Ameixoeira).

Com vista a uma análise mais detalhada do *Apoio Social Percebido* nesta três amostras, realizou-se uma *ANOVA* para cada uma das duas dimensões da *EPS*, identificadas por Moreira & Canaipa (2007)¹¹.

Quadro 3.2.2. Médias e desvios-padrão das dimensões da *EPS* por amostra

	Amostra Normativa			Amostra Ameixoeira			Amostra Alta de Lisboa		
	<i>N</i>	Média	<i>DP</i>	<i>N</i>	Média	<i>DP</i>	<i>N</i>	Média	<i>DP</i>
<i>EPS Total</i>	55	2.94	.43	49	2.86	.45	55	2.94	.38
<i>Apoio Íntimo</i>	55	2.93	.50	50	2.90	.49	55	2.99	.41
<i>Apoio Casual</i>	55	2.96	.35	54	2.76	.44	55	2.85	.37

Quadro 3.2.3. *ANOVA* das dimensões da *EPS* - Comparações Múltiplas

	Amostra (I)	Amostra (J)	Diferença de médias (I-J)	Sig.
<i>Apoio Íntimo</i>	Ameixoeira N=50	Alta de Lisboa N=55	-.090	.991
		Normativa N=55	-.03	1.000
	Alta de Lisboa	Normativa	.059	1.000
<i>Apoio Casual</i>	Ameixoeira N=54	Alta de Lisboa N=55	-.09	.755
		Normativa N=55	-.20*	.030
	Alta de Lisboa	Normativa	-.11	.436

* Diferença significativa ao nível de significância de .05.

¹¹ Como a análise a seis dimensões não acrescentou informação relevante optou-se pela apresentação da análise a duas dimensões.

Como é possível observar nos Quadros 3.2.2. e 3.2.3., apesar de as diferenças de médias da *EPS*, não serem significativas, analisando mais detalhadamente esta escala, emerge uma diferença significativa, entre a média da dimensão *Apoio Casual* da amostra da Ameixoeira e a da amostra normativa ($F(2, 161) = .20, p < .030$). Ou seja, a dimensão do *Apoio Casual*, do *Apoio Social Percebido*, medida na amostra da Ameixoeira é significativamente menor que a identificada na amostra normativa.

3.3. Correlação entre as *EBSC* e *EPS*

Relativamente à análise das correlações entre as variáveis, nas 3 amostras em estudo, através do teste de *Pearson*, os resultados encontrados revelam uma correlação positiva significativa entre os resultados das duas escalas, em todas as amostras: na amostra normativa, entre *EBSC* e *EPS*, foi identificada uma correlação de $r = .43$ para $p < .001$; na amostra da Ameixoeira $r = .48, p < .001$; e na Alta de Lisboa $r = .59, p < .000$. Assim, considerando a questão de investigação 5, a resposta será afirmativa, ou seja, existe uma correlação positiva e significativa entre a *Percepção do Sentido de Comunidade* e o *Apoio Social Percebido* em todas as amostras em estudo.

Capítulo IV – Discussão e Conclusões

4.1. Integração e discussão dos resultados empíricos

Relativamente ao objectivo central de analisar o *Sentido de Comunidade* e o *Apoio Social Percebido*, verificando se as variáveis diferem significativamente entre populações de realojados e uma população normativa, os resultados indicam que o *Sentido de Comunidade* difere significativamente entre as três amostras em estudo enquanto o *Apoio Social Percebido* não. Ou seja, a situação de realojamento parece estar mais relacionada com a percepção do *Sentido de Comunidade* que com o *Apoio Social Percebido*.

Embora tenham sido encontradas diferenças significativas relativamente à percepção do *Sentido de Comunidade*, os resultados não permitem identificar uma relação clara da situação de realojamento (considerada de forma geral), com esta variável. Segundo os resultados desta investigação, o *Sentido de Comunidade* é significativamente menor, apenas no bairro PER da Ameixoeira, ou seja, das duas amostras de bairros de realojamento em estudo, apenas uma difere significativamente da população da amostra normativa. No bairro PER da Alta de Lisboa, o *Sentido de Comunidade* não só não difere significativamente da população da amostra normativa como é significativamente maior que no PER da Ameixoeira. Assim, a conclusão possível face a estes resultados é a de que especificamente no bairro PER da Ameixoeira, o *Sentido de Comunidade* é menor que na população da amostra normativa.

Tal como foi apresentado na revisão de literatura, existem diversos factores nos processos de realojamento, que podem provocar efeitos sobre a identificação dos indivíduos com o seu bairro e com a sua comunidade e, conseqüentemente, sobre o *Sentido de Comunidade* percebido pelos indivíduos realojados. Entre estes factores, é pertinente destacar nesta discussão, as características físicas do bairro e, principalmente, a sua localização (o seu maior ou menor isolamento).

Relativamente à análise das características físicas, as diferenças encontradas nos dois bairros de realojamento em estudo, permitem compreender a diferença significativa de percepção do *Sentido de Comunidade*, identificada entre estas duas amostras. Geograficamente, o bairro PER da Ameixoeira encontra-se mais isolado e separado do centro urbano através de diversas barreiras físicas do que o bairro PER da Alta de Lisboa. Inclusivamente, a inserção dos PER da Alta de Lisboa na cidade foi mais bem

sucedida com a construção, no mesmo território, de diversos edifícios de venda livre, de nível sócio-económico médio alto, valorizando a zona e minimizando a estigmatização e a segregação. Fisicamente os dois bairros são bastante diversos, a monofuncionalidade residencial e a homogeneidade arquitectónica são mais marcadas no bairro PER da Ameixoeira que na Alta de Lisboa e no PER da Ameixoeira o comércio local e serviços são quase inexistentes. Na Alta de Lisboa a rede de transportes é boa e as áreas comunitárias são mais preservadas existindo inclusive importantes espaços verdes como o Parque Oeste, uma das mais modernas e recentes áreas verdes da cidade de Lisboa (ver apêndice I; CEG, 2006; CEDRU, 2010a e 2010b).

Assim, as características estigmatizantes dos bairros de realojamento, inibidoras do desenvolvimento do *Sentido de Comunidade*, são mais acentuadas no bairro PER da Ameixoeira que no da Alta de Lisboa, e estas possivelmente são responsáveis pelos resultados encontrados nesta investigação.

Em relação às médias dos valores encontrados para as duas variáveis, nas três amostras, existem diversos factores que podem justificar os valores encontrados.

Nenhuma das amostras em estudo apresenta valores muito elevados de *Sentido de Comunidade* ou de *Apoio Social Percebido*, sendo as médias sempre inferiores a 3 (o que significa mais respostas negativas que positivas, ver Quadros 3.1.3 e 3.2.2., capítulo III). Estes resultados podem estar relacionados com o fenómeno actual da diminuição da vida comunitária nos bairros de residência, ou seja, com a perda da importância atribuída às relações de bairro. Tal como McMillan e Chavis (1986) concluíram, as comunidades relacionais ganham importância em relação às comunidades territoriais e os constantes avanços na comunicação, provocam a perda acentuada da importância da proximidade territorial (Colombo et al., 2001). Possivelmente, as relações promotoras de sentimentos de pertença, de obtenção de recursos, influência e ligação emocional, e também as relações responsáveis pelo fornecimento de Apoio Social, são estabelecidas com elementos exteriores ao local de residência. Este pode ser um factor importante, responsável pelos reduzidos valores de *Sentido de Comunidade*, que foram encontrados medindo esta variável em relação ao bairro de residência.

Por outro lado, os dois bairros de realojamento são constituídos por um número mais elevado de desempregados, domésticas e reformados (ver Gráfico 2.2.4.3., capítulo II) que passam mais tempo dentro do bairro que os moradores de outros bairros (onde a maioria trabalha ou estuda fora do bairro de residência). Estes indivíduos tendo baixa

capacidade económica e estando mais isolados fisicamente de outras zonas da cidade, provavelmente terão as suas possibilidades de criar ligações significativas mais limitadas ao território de residência. Este factor pode incrementar o *Sentido de Comunidade* e o *Apoio Social Percebido* nestes bairros. Na presente investigação não se verificou um aumento destas variáveis, nos bairros PER, que superasse os valores da amostra normativa, mas o factor que acabou de ser descrito pode ser responsável pela proximidade dos valores encontrados entre realojados e a população portuguesa em geral. Ou seja, nas amostras dos bairros PER, os valores encontrados, apesar de reduzidos, não foram extremamente baixos e o estado de actividade dos seus moradores e a maior limitação ao território, podem ter sido agentes adjuvantes do aumento do *Sentido de Comunidade* e *Apoio Social Percebido* até um nível mais semelhante ao da amostra normativa.

Todos estes factores podem justificar também as diferenças não significativas, identificadas a nível do *Apoio Social Percebido*. Na amostra normativa, os valores encontrados são reduzidos o que, mais uma vez, pode ter sido originado pela perda de importância das comunidades territoriais. As relações significativas de confiança, onde as pessoas se preocupam com o indivíduo e este se preocupa com elas, onde se sente valorizado e amado, poderão ser estabelecidas com indivíduos que não partilham o mesmo território de residência. E, tal como acontece com o *Sentido de Comunidade*, os avanços tecnológicos (eg. Internet) permitem que a rede de apoio se apresente sempre disponível mesmo que exista uma distância física.

Igualmente para esta variável, o estado de actividade dos moradores dos bairros de realojamento, juntamente com as dificuldades de acesso às tecnologias de informação e comunicação e a fraca rede de transportes acentuam o isolamento dos moradores forçando o estabelecimento de relações dentro do local de residência.

Analisando de forma mais pormenorizada as duas variáveis, os resultados revelam diferenças significativas relativamente às dimensões *Satisfação de Necessidades* e *Influência* do *Sentido de Comunidade* e ao factor *Apoio Casual* do *Apoio Social Percebido*.

A *Satisfação de Necessidades* é significativamente menor nas amostras PER que na amostra normativa. Esta dimensão engloba a crença de que as necessidades serão satisfeitas através do Estatuto de Membro, de que estas são originadas pelos valores pessoais e de que a quantidade de valores partilhados aproxima as pessoas (McMillan e

Chavis, 1986). Esta é uma dimensão que poderá ser influenciada pela heterogeneidade cultural das populações dos bairros PER (ver apêndice I, CEG, 2006, CEDRU, 2010a e 2010b). A diversidade cultural e a sua relação com o Sentido de Comunidade têm sido estudadas em investigações recentes, onde se conclui que a percepção do *Sentido de Comunidade* e o sentimento de pertença varia entre grupos raciais/étnicos (BeLue, Taylor-Richardson, Lin, McClellan, & Hargreaves, 2006; Faircloth & Hamm, 2005; Clark, Colantonio, Rhodes, & Escobar, 2008 citados por Coffman & BeLue, 2009). A presença de maior variedade cultural e étnica nos bairros PER que na população da amostra normativa pode levar a percepções e significações diversas entre grupos culturais. Especificamente em relação à dimensão *Satisfação de Necessidades*, as diferenças culturais podem provocar uma discrepância de valores ou seja, uma menor identificação, noutros grupos culturais, de práticas e valores comuns.

Nesta investigação os efeitos da diversidade cultural não foram operacionalizados como objectos de estudo e por isso os resultados não permitem ilustrar estas relações concretas. O estudo destes efeitos é um aspecto importante a considerar em investigações futuras.

A dimensão *Influência* é caracterizada pela possibilidade de provocar ou evitar mudanças, controlar a própria vida e o ambiente. Integra a importância do impacto do indivíduo na vida do grupo e do impacto do grupo na vida do indivíduo (McMillan e Chavis, 1986). Os resultados desta dimensão devem ser considerados com alguma cautela pois é a dimensão medida através os itens 5 e 6 da *Escala Breve de Sentido de Comunidade*, itens problemáticos ao nível da consistência interna da escala. No entanto, a amostra do bairro PER da Alta de Lisboa apresenta resultados significativamente superiores nesta dimensão que as outras duas amostras. Estes resultados podem estar relacionados com os níveis de participação encontrados nas três amostras (ver apêndice IV, gráfico 3). A participação pode criar nos indivíduos o sentimento de controlo e possibilidade de influência do ambiente e da comunidade (eg. Colombo et al., 2001). Das três amostras em estudo a amostra da Alta de Lisboa é a que apresenta maior percentagem de indivíduos a participarem em actividades no bairro o que pode elevar os resultados desta amostra na dimensão *Influência*.

Quanto ao factor *Apoio Casual* do *Apoio Social Percebido*, os resultados demonstram que este factor é significativamente menor na amostra do bairro PER da Ameixoeira que na amostra normativa. Este factor inclui as provisões *Reafirmação do*

Valor e Integração Social, uma vez que representa os aspectos mais sociais do apoio, como a necessidade de partilha de interesses e actividades e a valorização das competências pessoais, podendo ser fornecido por relações menos próximas (Moreira & Canaipa, 2007). As diferenças identificadas podem, uma vez mais, estar relacionadas com a heterogeneidade cultural do bairro PER da Ameixoeira, em que a valorização e partilha de interesses e actividades podem ser inibidas pelas diferenças culturais. Em relação a este factor, a falta de diferença significativa entre a amostra PER da Alta de Lisboa e as outras duas amostras pode dever-se também aos níveis de participação dos moradores deste bairro, a participação em actividades no bairro pode levar à criação de uma rede alargada de relações, capazes de fornecer *Apoio Casual*.

Carapinha (2010) verificou que o *Sentido de Comunidade* e o *Apoio Social Percebido*, no bairro PER da Alta de Lisboa, diminuem com o processo de realojamento, ou seja, antes do realojamento os actuais moradores deste bairro, sentiam maior *Sentido de Comunidade* e maior *Apoio Social Percebido* que na situação actual, pós-realojamento.

Em suma, o processo de realojamento e a forma como este é conduzido pode relacionar-se negativamente com o desenvolvimento do *Sentido de Comunidade* e de *Apoio Social Percebido*. Mas ao compararmos o nível destas variáveis para os realojados de dois bairros PER distintos e os níveis identificados numa amostra da população portuguesa em geral, surgem como relevantes, aspectos mais específicos de cada bairro, que poderão influenciar estes sentimentos nas populações de moradores realojados.

No bairro PER da Alta de Lisboa, apesar do *Sentido de Comunidade* e do *Apoio Social Percebido* terem diminuído com o processo de realojamento na situação pós-realojamento (Carapinha, 2010), os seus moradores não apresentam valores significativamente diferentes da população portuguesa em geral. O que significa que, apesar de todos os efeitos negativos que o decréscimo destes sentimentos provoca, (e que devem ser tidos em consideração para o trabalho, ainda muito necessário, de intervenção comunitária) a forma como o realojamento foi conduzido neste bairro e as características físicas do mesmo podem representar factores positivos. Ou seja, face a outra situação de realojamento (bairro PER da Ameixoeira), estes factores podem contribuir para elevar o *Sentido de Comunidade*, fazendo com que se aproxime dos valores de uma população normativa.

Quer-se dizer com isto que, nesta investigação não se conclui que existem diferenças significativas de *Sentido de Comunidade* ou de *Apoio Social Percebido* entre realojados e não realojados mas que existem sim, diferenças relacionadas com as características específicas de cada bairro e de cada processo de realojamento.

4.2. Limitações da investigação

O desenvolvimento da presente investigação envolveu diversas limitações que devem ser consideradas na análise e discussão dos resultados. Durante a aplicação das escalas aos inquiridos foram diversas as limitações que surgiram. Nos bairros PER os baixos níveis de literacia e escolaridade dos inquiridos (ver quadro 2.2.4.2, capítulo II) criaram grandes dificuldades de interpretação dos itens, mesmo com a presença do investigador, o que poderá ter provocado alguns enviesamentos dos resultados. Os itens invertidos da *Escala de Provisões Sociais* tornaram particularmente difícil a interpretação da escala e a semelhança de alguns itens acabou por incomodar alguns participantes, que embora lhes tivesse sido explicado que a repetição das questões era importante por questões de validade, se sentiram a responder varias vezes à mesma questão. Em investigações futuras deveria considerar-se a utilização de um instrumento mais simples ou adaptar este ao nível de compreensão destas populações.

As respostas aos questionários podem ter também sofrido efeitos de desejabilidade social, e de tendência central, tendo sido frequentes os comentários como, *vou pôr “concordo” só para não ficar mal ou tenho que me sentir como membro porque vivo aqui*. Estes efeitos podem também ter enviesado os resultados particularmente nas amostras dos bairros PER. Uma forma possível de controlar estes efeitos em estudos futuros é a aplicação da Escala de Desejabilidade Social Marlowe-Crowne¹² (Crowne & Marlowe, 1960 citados por eg. por Barger, 2002).

O conceito de bairro acabou por se tornar uma limitação a nível da análise dos resultados. O Bairro é um conceito psicológico (Hallman, 1984) e, como tal, cada indivíduo delimita as suas fronteiras de forma diversa (Gifford, 2007). Quando se pede aos inquiridos que respondam ao questionário, considerando os elementos do bairro onde residem, é difícil perceber qual o território e quais as relações a que cada um se reporta quando responde aos itens. Cada participante activa os seus próprios mapas cognitivos no momento em que é questionado. Nos bairros PER a heterogeneidade

¹² *Marlowe-Crowne Social Desirability Scale*.

cultural pode também interferir com esta questão, os participantes podem ter tendência a remeter-se à sua comunidade cultural em vez da comunidade do seu bairro de residência. O bairro é então um conceito muito subjectivo difícil de medir e delimitar o que implica alguma cautela na interpretação dos resultados. Obst, Smith e Zinkiewicz (2002) descobriram que sujeitos que vêem o bairro como mais do que uma rua ou quarteirão têm maior propensão para apresentar um *Sentido de Comunidade* mais elevado, o que nos indica que a forma como os inquiridos percebem o bairro, pode ter funcionado como variável externa, influenciando os resultados. Em estudos futuros sobre o tema, para tentar atenuar esta limitação, poderia ser pedido aos participantes que descrevessem o bairro de residência, os elementos que o constituem e até os seus limites e fronteiras.

Relacionada com o conceito de bairro, outra questão que foi difícil controlar durante a investigação foi o tempo de residência dos moradores nos bairros. Nas amostras dos bairros PER, o objectivo era que os participantes respondessem relativamente ao bairro, pós-realojamento, mas aconteceu em diversos casos, que os inquiridos que já habitavam na mesma zona, antes do realojamento, responderam sem fazer distinção entre o bairro pré e pós realojamento deixando imperceptível se sentem diferenças após o processo.

Durante este trabalho falou-se várias vezes em diversidade cultural mas no questionário este aspecto apenas foi questionado através da pergunta sobre a nacionalidade dos inquiridos, que é apenas um conceito jurídico (Lind, 2008), o que não permite identificar etnias ou culturas diversas dentro da mesma nacionalidade, como por exemplo a cultura cigana. A comunidade cigana é uma comunidade representativa no bairro PER da Ameixoeira, muitas vezes responsabilizada pela maior parte dos problemas do bairro (CEG, 2006). Nesta investigação não conseguimos controlar a influência da presença de certas comunidades em particular (mais estigmatizadas) sobre os resultados das variáveis.

4.3. Sugestões para novas investigações e práticas de intervenção

Foram já referidas algumas sugestões de conceitos e aspectos a investigar e relacionar e a ter em conta nas práticas de intervenção com populações realojadas e a realojar, mas existem ainda outras sugestões que derivam dos resultados e das limitações desta investigação que gostaríamos de referir.

Neste estudo consideraram-se as características físicas dos bairros mas estas não foram operacionalizadas; em investigações futuras este pode ser um factor importante a considerar. O estudo da relação entre as características físicas do ambiente e o desenvolvimento de Sentido de Comunidade pode trazer informações valiosas para as intervenções políticas e comunitárias nestes bairros e em futuros processos de realojamento.

O trabalho e a investigação na área do realojamento envolve diversas áreas de conhecimento e de intervenção e quando se consideram as características físicas dos bairros, a arquitectura e o planeamento urbano são áreas intrinsecamente relacionadas. Inclusivamente, existe já um movimento na literatura destas áreas que assenta no pressuposto de que certas características físicas podem ser utilizadas para fomentar o Sentido de Comunidade - o movimento *New Town* (Plas & Lewis, 1996 citados por Kingston, Mitchell, Florin & Stevenson, 1999). Utilizar estas investigações e os seus resultados durante a construção de bairros de realojamento e nos processos de requalificação dos bairros já existentes, poderia originar resultados muito interessantes. O envolvimento da população no processo de construção do bairro ou de monitorização da construção dos alojamentos poderá facilitar sentimentos de apropriação e de identificação com o espaço. Quando os indivíduos se identificam com o espaço, defendem-no e promovem-no e conseguem criar lógicas de acção colectiva (Guerra, 1994).

Um instrumento que pode ser útil para conhecer o ambiente e a relação dos moradores com o mesmo poderá ser a escala de avaliação da eficiência dos serviços comunitários¹³ de Prezza e Constantini (1998), onde os indivíduos expressam a sua opinião sobre os serviços de saúde sociais, o sistema escolar, serviços sociais, culturais e recreativos, a manutenção das estradas e os espaços verdes.

As diferenças culturais e étnicas representam pontos de interesse a investigar em futuros estudos. Seria importante perceber até que ponto a coexistência de diversas culturas no mesmo bairro influencia o Sentido de Comunidade em relação ao bairro e a forma como varia esta influência entre culturas. Perceber em que culturas e etnias o Sentido de Comunidade e o Apoio Social Percebido são mais elevados e a expressão destas em cada bairro. Como foi acima referido, existem já investigações que identificam diferenças de Sentido de Comunidade em diferentes grupos étnicos e que

¹³ Scale on evaluation of the efficiency of community services (EECS).

indicam que as diferentes histórias e experiências culturais podem levar a diferentes interpretações dos itens das escalas (ver por exemplo Coffman & BeLue, 2009). Perceber se em cada bairro, para as minorias culturais, o Apoio Social é fornecido por fontes, exclusivamente internas à comunidade cultural ou se as fontes variam entre as diversas culturas. Os valores de Sentido de Comunidade no bairro PER da Ameixoeira podem ser influenciados pelos conflitos inter e intra-culturais (por exemplo, entre comunidades ciganas contrárias, provenientes de locais diferentes e que vivem em conflito) existentes neste bairro.

O estudo de Carapinha (2010), que identificou valores de Apoio Social Percebido e do Sentido de Comunidade superiores na situação pré-realojamento aos identificados na situação pós-realojamento, pode indicar uma diminuição destas variáveis com o realojamento. Comparando os resultados acima descritos com os de Carapinha podemos perguntar-nos se o Sentido de Comunidade e o Apoio Social Percebido, nos bairros degradados (pré-realojamento) são superiores aos da amostra normativa.

Como foi descrito acima, os resultados reduzidos de Apoio Social Percebido, obtidos nesta investigação podem estar relacionados com o facto de termos remetido as respostas para o bairro de residência. Em estudos futuros seria interessante estudar a mesma variável, nas mesmas populações mas sem remeter as respostas para o bairro para se compreenderem melhor os níveis de isolamento das populações realojadas. No mesmo âmbito seria também importante perceber quais as fontes de apoio e compara-las com as fontes da amostra normativa. Para tal, as metodologias qualitativas poderão ser uma opção.

Dentro dos bairros PER o realojamento não decorreu de forma semelhante em todas as zonas (ver apêndice I; CEG, 2006; CEDRU, 2010a e 2010b). Seria interessante desenvolver um estudo sobre as duas variáveis desta investigação, nas diferentes zonas dos bairros PER, relacionando com as especificidades do processo de realojamento em cada uma.

Em estudos realizados sobre a percepção de bairro, o sentimento de insegurança foi identificado como um factor importante (Jerónimo, Monteiro, Reis, Marques & Palma-Oliveira, 2010). Sendo os bairros PER muitas vezes considerados bairros inseguros, seria interessante estudar o sentimento de insegurança nos moradores destes

bairros e a relação deste sentimento com a percepção do *Sentido de Comunidade* e com o *Apoio Social Percebido*.

Com os resultados desta investigação a principal sugestão de intervenção que se apresenta é a de que o trabalho comunitário devia surgir antes do realojamento e acompanhar os moradores ao longo de todo o processo. A promoção da participação e do envolvimento dos moradores desde o início cria sentimentos de controlo sobre o ambiente físico e de voz activa no processo. Promover o encontro e o convívio das pessoas, antes que sejam forçadas a partilhar o mesmo espaço, leva a que se criem ligações, o que se torna um objectivo importante quando sabemos que o desconhecido é inibidor de relações de confiança e da coesão. Como McMillan (1996) postula, a coesão aumenta quando as pessoas sabem o que podem esperar umas das outras. Projectos de promoção de identidade pessoal e local, de conhecimento entre culturas e de conhecimento da história do território para onde vão ser transferidos, cultivam a relação dos indivíduos com o espaço, fazem com que o conheçam e gostem dele, antes de irem para lá viver. Se gostarem do bairro, irão cuidar dele e protegê-lo. Este tipo de intervenção é importante para atenuar a impreparação das comunidades que se tem revelado terreno fértil para o preconceito e para o confronto (CEG, 2006).

É também muito importante evitar ao máximo o isolamento físico dos bairros, garantindo soluções viáveis de acesso, pelo menos, aos equipamentos de ensino e saúde. E, como já foi referido acima, o fraco acesso às tecnologias de informação e comunicação, ajuda a aumentar o isolamento das populações realojadas. Este é um ponto importante a trabalhar junto destas populações e que inclusive já tem vindo a ser trabalhado, nos bairros em estudo, pelas associações no terreno, com resultados muito positivos.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, I. & Castro, P. (2002). Realojamento – Satisfação Residencial e Identidade Local. In *1º Colóquio Psicologia e espaço Ambiente*. Colóquio decorrido na Universidade de Évora.
- Amaro, J. P. (2007). Sentimento Psicológico de Comunidade: uma revisão. *Análise Psicológica*, 1 (25), 25-33.
- Augusto, N. (2000). Habitação Social – da intenção de inserção à ampliação da exclusão. In *Actas do IV Congresso de Sociologia da Associação Portuguesa de Sociologia*. Congresso decorrido na Universidade de Coimbra.
- Barger, S.D. (2002). The Marlowe-Crowne affair: Short forms, psychometric structure and social desirability. *Journal of Personality Assessment*, 79, 286-305.
- Barrera, M. (2000). Social support research in community psychology. In J. Rappaport & E. Seidman (Eds.). *Handbook of community psychology* (pp. 215-246). Kluwer Academic/Plenum Publishers: New York.
- Bernardo, F. & Palma-Oliveira, J. (2005). Place Change and Identity Process. *Médio Ambiente y Comportamiento Humano*, 6 (1), 71-87.
- Bernardo, F. & Palma-Oliveira, J. M. (2009) Lugar e Identidade: A importância do lugar para auto-definição. In *Actas do X Congresso de Psicologia do Ambiente*. Congresso decorrido em Lisboa.
- Brewer, M. B. (1979). Ingroup bias in the minimal intergroup situation: A cognitive-motivational analysis. *Psychological Bulletin*, 86, 307-324.
- Carapinha, A. (2010). *Influência do processo de realojamento na percepção de Sentido de Comunidade e Apoio Social Percebido*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- Cardoso, A. & Perista, H. (1994). A Cidade Esquecida: Pobreza em bairros degradados de Lisboa. *Sociologia – Problemas e Práticas*, 15, 99-111.
- Cachado, R. A. (2009). Habitação Social - as últimas décadas. *Vírus*, 7, 13-22.
- CEDRU - Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano (2010a). *Alta de Lisboa – Avaliação Socioeconómica Intercalar - Relatório Final*. K’CIDADE, Lisboa.
- CEDRU - Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano (2010b). *Ameixoeira – Avaliação Socioeconómica Intercalar - Relatório Final*. K’CIDADE, Lisboa.
- CEG - Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa (2006). *Ameixoeira – Análise da Situação de Partida*. K’CIDADE, Lisboa.
- Cobb S. (1976). Social Support as moderator of life Stress. *Psychosomatic Medicine*, 38, 300-314.
- Coffman, D. & BeLue, R. (2009). Disparities in Sense of Community: True race differences or differential item functioning? *Journal of Community Psychology*, 37 (5), 547–558.

- Cohen, S. & Wills, T. A. (1985). Social Support, Stress and the buffering hypothesis. *Psychological Bulletin*, 98 (2), 310-357.
- Colombo, M., Mosso, C. & DePiccoli, N. (2001). Sense of Community and Participation in Urban Context. *Journal of Community and Applied Social Psychology*, 11, 457-464.
- Cutrona, C. E., & Russell, D. (1987). The provisions of social relationships and adaptation to stress. In W. H. Jones & D. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships* (Vol. 1, pp- 37-67). Greenwich: JAI Press.
- Davidson, W. & Cotter, P. (1991). The Relationship between Sense of Community and Subjective Well-being: A first look. *Journal of Community Psychology*, 19, 246-253.
- Dunst, C., & Trivette, C. (1990). Assessment of social support in early intervention programs. In S. Meisels, & J. Shonkoff (Eds.), *Handbook of early childhood intervention* (pp. 326-349). New York: Cambridge University Press.
- Ferreira, A.F. (1994). Habitação social: lições e prevenções para o PER. *Sociedade e Território* 20, 54-62.
- Freitas, M.J. (1995). *Ainda em busca de um direito à cidadania - situações de realojamento em análise*. Relatório 207/95. Lisboa: LNEC.
- Gifford, R. (2007). *Environmental psychology: Principles and practice* (4th ed.). Colville, WA: Optimal Books.
- Glória, R. (no prelo). Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- Golledge, R. G. and Stimson, R.J. (1997) *Spatial Behavior: A Geographic Perspective*. New York: Guilford Press.
- Guerra, I. (1994). As pessoas não são coisas que se ponham em gavetas. *Sociedade e território*, 20.
- Guerra, I. (1997). Um Olhar Sociológico sobre o Alojamento. *Sociologia - Problemas e Práticas*, 24, 165-181.
- Gustafson, P. (2000). Meanings of place: Everyday Experience and Theroretical Conceptualizations. *Journal of Environmental Psychology*, 21, 5-16.
- Hallman, H. W. (1984). *Neighborhoods: their place in urban life*. Beverly Hills: Sage Publications.
- Hauge, A. L. (2007). Identity and place: A critical comparison of three identity theories. *Architectural Science Review* 50 (1), 44-52.
- Heller, K, Swindle, R. W, & Dusenbury, L. (1986). Component social support processes: Comments and integration. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 54 (4), 466-470.
- Jerónimo, M., Monteiro, P., Reis, J., Marques, P. & Palma-Oliveira, J. M. (2010). Atractividade dos bairros de Lisboa – A influência da Identidade Local e da

- Percepção de Risco. In *VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*. Simpósio decorrido na Universidade do Minho, Braga.
- Kingston, S., Mitchell, R., Florin, P., & Stevenson, S. (1999). Sense of community in neighborhoods as a multi-level construct. *Journal of Community Psychology*, 27, 681–694.
- Lakey, B. & Cassady, P.B. (1990). Cognitive Processes in Perceived Social Support. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59 (2), 337-343.
- Lind, W. (2008). *Casais Biculturais e Monoculturais: Diferenças e Recursos*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia, especialidade de Psicologia Social pela FPCE da Universidade de Lisboa.
- Loureiro, A. & Príncipe, A. F. (2003). Identidade local e identidade nacional: Estudo comparativo das populações de Ponta Delgada e Lisboa. In *1º Colóquio Psicologia Espaço e Ambiente*. Colóquio decorrido na Universidade de Évora.
- Mannarini T. & Fedi, A. (2009). Multiple Senses of Community: The experience and meaning of community. *Journal of Community Psychology*, 37(2), 211-227.
- Marante, L. (*no prelo*). Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- McMillan, D. & Chavis, D. (1986). Sense of Community: A definition and a theory. *Journal of Community Psychology*, 14, 6-23.
- McMillan, D. (1996). Sense of community. *Journal of Community Psychology*, 24, 315-326.
- Moreira, J. & Canaipa, R. (2007). Escala de provisões sociais: Desenvolvimento e validação da versão portuguesa da “Social Provision Scale”. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*, 2, 24.
- Nasar, J. L. & Julian, D. A. (1995). The Psychological Sense of Community in the Neighborhood. *Journal of the American Planning Association*, 61, 178-184.
- Obst, P., Smith, S. & Zinkiewicz, L. (2002). An Exploration of Sense of Community, part 3: Dimensions and predictors of psychological Sense of Community in Geographical Communities. *Journal of Community Psychology*, 30 (1), 119–13.
- Obst, P. & White, K.M. (2007). Choosing to Belong: The influence of choice on social identification and psychological sense of community. *Journal of Community Psychology*, 35 (1), 77-90.
- Peterson, N. A., Speer, P. W. e McMillan, D. W. (2008). Validation of a brief sense of community scale: Confirmation of the principal theory of sense of community. *Journal of Community Psychology*, 36, 61-73.
- Prezza, M. & Constantini, S. (1998). Sense of Community and Life Satisfaction: Investigation in three different territorial contexts. *Journal of Community and Applied Social Psychology*, 8, 181-194.

- Prezza, M., Amici, M., Roberti, T. & Tedeschi, G. (2001). Sense of Community Referred to the Whole Town: Its relations with neighboring, loneliness, life satisfaction and area of residence. *Journal of Community Psychology*, 29 (1), 29-52.
- Prezza, M., Pacilli, M. G., Barbaranelli, C. & Zampati, E. (2009). The MTSOCS: A multidimensional sense of community scale for local communities. *Journal of Community Psychology*, 37 (3), 305-326.
- Sánchez-Vidal, A. (1991). *Psicología Comunitaria: Bases Conceptuales y Operativas – Métodos de Intervención*. Barcelona: PPU.
- Sarason, S.B. (1974). *The psychological sense of community: Prospects for a community psychology*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Sarason, I. G., Levine, H. M., Basham, R. B., & Sarason, B. R. (1983). Assessing social support: the social support questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44 (1), 127-139.
- Sarason, I. G., Sarason, B. R. & Shearin, E. N. (1986). Social support as an individual difference variable: its stability, origins, and relational aspects. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50 (4), 845-855.
- Tajfel, H. & Turner, J. C. (1979). An Integrative Theory of Intergroup Conflict. In W. G. Austin & S. Worchel (Eds.), *The Social Psychology of Intergroup Relations*. Monterey, CA: Brooks-Cole.
- Turner, R. J. (1992). Measuring social support: Issues of concept and method. In H. Veiel and U. Baumann (Eds.). *The Meaning and Measurement of Social Support* (pp. 217-233). New York: Hemisphere Publishers.
- Vaux, A. (1988). *Social Support: Theory, research and intervention*. New York: Praeger.
- Veiel, H., & Baumann, U. (1992). The many meanings of social support. In H. Veiel and U. Baumann (Eds.). *The Meaning and Measurement of Social Support* (pp. 1-9). New York: Hemisphere Publishers.
- Winemiller, D.R., Mitchell, M. E., Sutliff, J., & Cline, D.J. (1993). Measurement strategies in social support: A descriptive review of the literature. *Journal of Clinical Psychology*, 49 (5), 638-648.

APÊNDICES

Apêndice I. Descrição das populações e dos bairros PER da Ameixoeira e Alta de Lisboa

Tabela1. Caracterização socio-demográfica dos bairros PER

		AMEIXOEIRA	ALTA DE LISBOA	
Dimensão populacional	Total de fogos	3.003	5.033	
	População residente estimada	8.484	16.994	
Demografia, trajectórias e imigrantes	População jovem (menores de 15 anos)	25%	36,5%	
	População idosa	14,1%	11,4%	
	Monoparentalidade	25,2%	22%	
	Residentes naturalidade estrangeira	5,1%	14,4%	
Situação económica	Rendimentos auferidos do trabalho enquanto principal fonte de rendimento	41%	50,5%	
	Capacidade de aforro	94,1%	91,1%	
	Encargos mensais fixos para além da habitação	38,2%	38,1%	
	Trabalhadores não qualificados	45,5%	38,5%	
	Taxa de desemprego	32,2%	27,7%	
Educação	Analfabetismo	15,5%	8,5%	
	nº de habitações com computador	29,4%	43,6%	
	nº de habitações com uso de internet	22,7%	34,3%	
Vivências e participação	Crimes Violentos: indivíduos que afirmam ter sido vítimas de crimes violentos	20,2%	11,9%	
	Participação em actividades comunitárias, em especial iniciativas locais	5%	6,5%	
PER e micro-territórios adjacentes	Composição por sexo	Indivíduos do sexo feminino	50,9%	51%
		Indivíduos do sexo masculino	49,1%	49%
	Estrutura etária	População adulta (entre 15 e 64 anos)	64,9%	63%
		População jovem	22,7%	22,5%
		Índice de envelhecimento*	52,6	58,5
	Estado civil	População solteira	45,9%	50,9%
		População casada/união de facto	44,7%	38,2%
		População divorciada	4%	4,2%
		População viúva	5,5%	6,1%
	Dimensão familiar	Dimensão média do agregado familiar**	2,8 ind.	3,4 ind.
		Famílias unipessoais	14,1%	13,7%
		Famílias numerosas (5 ou mais elementos)	11,80%	12%
		Famílias monoparentais	14,4%(92,2% fem)	20,9%(85% fem.)
	Nacionalidade	População de nacionalidade portuguesa	85,4%	90,4%
População de nacionalidade estrangeira		14,6%	9,6%	
Agregados multiculturais (pelo menos um membro de nacional. estrangeira)		19,2%	17%	

	Fontes de Rendimento	Principal fonte de rendimento é o trabalho	46,1%	39,9%
		População que auferе pensões	21,1%	24%
		População que recebe outros subsídios	16,4%	23,1%
		População recebe subsídio de desemprego e/ou RSI	11,5%	10%
		Agregados com rendimento superior a 600€	65,3%	57%
		Agregados a viver abaixo do limiar da pobreza	15,8%	13%
PER e micro-territórios adjacentes	Condição perante a actividade	População activa com profissão	36,7%	31,5%
		População activa estudante	16,6%	20,6%
		Taxa de actividade	55,7%	47,1%
	Desemprego	População activa desempregada	9,6%	11,5%
		População que esteve desempregada nos últimos 3 anos	37,8%	16,6%
		Taxa de desemprego	19%	23,8%
	Educação	População estudante	24,2%	24,5%
		População trabalhadora-estudante	4,5% (da pop. estudante)	12% (da pop. estudante)
		População analfabeta	9,8%	9,5%
		População com o ensino secundário	16,1%	11%
		População com o ensino superior	8%	2,9%
	Acesso às TIC e à Internet	População que tem computador em casa	47,6%	41,2%
		População que, tendo computador em casa, tem acesso à internet	78,1%	75,3%
	Percepção de segurança	Percepção da segurança como "má"	38,6%	32,8%
		Percepção da segurança como "razoável"	43,7%	41,5%
	Factores explicativos da insegurança	Assaltos	41%	23,3%
		Forte concentração de população de etnia cigana	14,9%	.
		Vandalismo/degradação do ambiente físico	11,7%	.
		Consumo e tráfico de droga	11,2%	26,40%
		Agressões físicas e verbais	.	14,10%

* Nestas populações a população jovem tem um peso mais expressivo que a população idosa sendo o índice de envelhecimento reduzido quando comparado com o do concelho de Lisboa (177).

** superior à do Concelho de Lisboa 2,4 indivíduos por família.

Como se pode verificar através dos dados da tabela 1 as duas populações apresentam dados semelhantes em relação a muitos factores mas apresentam também diferenças importantes considerando alguns factores:

- A Alta de Lisboa tem o dobro da população da Ameixoeira;
- A taxa de desemprego, o analfabetismo e a quantidade de indivíduos a terem sido vítimas de crimes violentos são mais elevados na população da Ameixoeira;
- A dimensão do agregado familiar é superior na Alta de Lisboa, tal como o número de famílias monoparentais;
- Na Ameixoeira o sentimento de insegurança é explicado por uma grande percentagem de indivíduos devido a assaltos, à forte concentração de população de etnia cigana, vandalismo e degradação do ambiente;
- Na Alta de Lisboa a insegurança é explicada pelo consumo e tráfico de droga, assaltos e agressões físicas e verbais;

Formação do bairro PER da Ameixoeira:

- Desde o início do século XX, intensificando-se na década de 70 - movimentos migratórios das populações de áreas rurais do país levam à povoação desta área (marginal e menos sujeita a controlo urbanístico) através de alojamentos precários e de génese ilegal. - Formação dos bairros da Quinta da Torrinha e do Alto do Chapeleiro, ainda hoje existentes (CEDRU, 2010b).
- Durante a segunda metade do século XX - a Ameixoeira acolheu diversas operações de realojamento que originaram a forte representatividade de habitação social neste sector da Cidade de Lisboa (CEDRU, 2010b).
- Anos 50 – construção do bairro camarário das Galinheiras para alojar a população desalojada com a construção do Aeroporto Internacional de Lisboa (CEDRU, 2010b).
- A partir dos anos 50 – intensificação do processo de edificação (CEDRU, 2010b).
- Década de 70 – construção do novo bairro camarário das Galinheiras (CEDRU, 2010b).
- Em 1999 – construção do bairro novo da Ameixoeira, ao abrigo do PER (Plano Especial de Realojamento), constituído pelos blocos de realojamento denominados de Zona 1B, Zona 2, Zona 3, Zona 4 e Zona 6 (CEDRU, 2010b).
- 2001 - Início do processo de realojamento. Foram acolhidas famílias oriundas do próprio território, nomeadamente, do antigo bairro das Galinheiras, mas também de outras freguesias do concelho de Lisboa, principalmente da Charneca e de Carnide (CEDRU, 2010b).

Segundo os dados do CEG, em 2004 a maioria da população tem nacionalidade portuguesa (96,5%) mas um pouco mais de 7% dos moradores é natural de outros países, principalmente dos PALOP. Entre a população de origem nacional, mais de 18% tem etnia cigana; uma parte desta refere-se a famílias mais ou menos integradas que antes viviam na freguesia e/ou nas Galinheiras e outra representa população oriunda do Vale do Forno (Carnide) e constitui um grupo globalmente não integrado (localmente associado a alguns problemas) e culturalmente “contrário” (na representação cigana) aos primeiros. A população cigana oriunda do Vale do Forno tem tido um papel de relevo neste realojamento, desde o início marcaram gravemente a vida de bairro em particular nas zonas 4 e 6 (CEG, 2006).

A forma como o realojamento foi conduzido divergiu de zona para zona tal como os efeitos decorrentes de todo o processo, tendo sido criadas grandes diversidades culturais e sociais entre zonas. A descrição pormenorizada de cada uma das zonas pode ser encontrada nos relatórios de avaliação socioeconómica da Ameixoeira (CEG, 2006; CEDRU, 2010b).

O processo de construção da Ameixoeira não potenciou a criação de uma ligação e sentimento de identidade dos residentes ao território o que, agravado pela falta de espaços públicos exteriores qualificados conduziu a uma fraca vivência de bairro e ao diminuto apreço pelo bairro (apenas 53,2% gosta de viver no bairro). 59,2% dos residentes adquire os bens e serviços localizados fora do bairro, dada a escassez de oferta existente. Existe também uma insuficiência de postos de trabalho na freguesia e de equipamentos de ensino (CEDRU, 2010b).

Imagem 1. Ameixoeira



Fonte: CEG, 2006

Imagem 2. Ameixoeira



Fonte: CEG, 2006

Imagem 3a. Ameixoeira



Fonte: CEG, 2006

Imagem 3b. Ameixoeira



Fonte: CEG, 2006

Imagem 4. Ameixoeira



Fonte: CEG, 2006

Nas imagens apresentadas é possível observar a grande homogeneidade arquitectónica que caracteriza o bairro da Ameixoeira. As cores e formas dos lotes são muito semelhantes (imagens 1,3 e 4), não se observam edifícios de qualidade superior junto dos lotes de realojamento, o que acaba por resultar num conjunto de edifícios facilmente relacionáveis com um nível socioeconómico reduzido (imagens 1 e 2).

A inexistência de espaços verdes aumenta também visualmente a ideia de degradação do território (imagem 4).

Formação do bairro PER da Alta de Lisboa

- Até meados do século XX – o território era marcado por uma forte componente rural que lhe conferiu o semblante de aldeia (CEDRU, 2010a).
- Na primeira metade da década de 60 – o território acolhe deslocados da zona de Alcântara, no seguimento da construção das obras da Ponte 25 de Abril (CEDRU, 2010a).
- Na década de 70 - novas fases de realojamento precário de residentes de diversas áreas da cidade de Lisboa, levam à construção do Bairro Pedro Queirós Pereira (em 1971) e do Bairro da Cruz Vermelha (CEDRU, 2010a).
- Nos anos seguintes - concentrou-se neste território população proveniente das ex-colónias que não tendo encontrado resposta habitacional acessível, acabou por erigir barracas e habitações precárias nesta área (CEDRU, 2010a).
- No final dos anos 90 - após 5 décadas de intensa dinâmica construtiva por parte da população com baixos recursos económicos, este território constituiu-se como a maior área de concentração de barracas e alojamentos precários da cidade de Lisboa (CEDRU, 2010a).
- Em 1998 (após algumas tentativas de urbanização desta vasta área, a primeira das quais em 1984) - foi aprovado o Plano de Urbanização do Alto do Lumiar, ao abrigo do qual se registou, entre 2000 e 2001, o total realojamento da população residente em áreas degradadas, dando origem urbanização deste sector da cidade (CEDRU, 2010a).

Foi neste contexto que foram edificados, de forma faseada, os blocos PER 4, PER 5, PER 6, PER 7, PER 8, PER 9, PER 10, PER 11, PER 12 e PER 13.

Musgueira Norte, Musgueira Sul, Quinta Grande, Bairro da Cruz Vermelha, Galinheiras, Quinta da Pailepa e Quinta do Louro eram alguns dos principais bairros que se encontravam nesta situação e que fizeram parte do Plano de Urbanização do Alto do Lumiar, um projecto de renovação e expansão urbana desta área da cidade (CEDRU, 2010a).

As características sócio-culturais da população residente são indissociáveis do processo de realojamento e da composição social dos bairros realojados nos quais predominavam os naturais de Portugal, que migraram para a capital durante a segunda metade do século XX. Todavia, embora a população de nacionalidade estrangeira corresponda apenas a 9,6% dos residentes é de assinalar o importante desenvolvimento dos agregados familiares multiculturais, que representam actualmente 17,0% do total (CEDRU, 2010a).

Não obstante o processo de realojamento ter gerado interrupções nas vivências sociais e comunitárias, regista-se actualmente uma relevante vivência de bairro, a avaliar pela tipologia de espaços frequentados quotidianamente pelos residentes: os estabelecimentos de comércio e de serviços (32,5%), os cafés (28,4%) e os espaços verdes (22,7%). A valorização da oferta comercial existente conduz a que 47,3% dos residentes adquira bens essenciais no bairro, embora cerca de metade da população o faça fora do local de residência (CEDRU, 2010a).

A articulação destes factores é conducente a uma preponderante satisfação da população com o local de residência (61,6%). Entre a população realojada, os principais aspectos positivos do processo de realojamento consistiram na melhoria das condições habitacionais, enquanto os aspectos negativos deste processo incidem na

deterioração das relações de vizinhança, na má qualidade da construção e no aumento dos encargos mensais devido às rendas consideradas elevadas e despesas domésticas (CEDRU, 2010a). Em relação à satisfação residencial, no que respeita aos aspectos positivos, são destacadas as relações de vizinhança – facto que tanto ocorre em 2004 como em 2009 (11,3% e 10,7%, respectivamente) –, sendo este um dos aspectos que mais poderá reforçar o sentido de comunidade. Outra mais-valia destacada pelos inquiridos é a oferta de transportes públicos, que vem de encontro ao aumento da satisfação por este serviço, por parte da população (CEDRU, 2010a).

Imagem 5. Alta de Lisboa



Fonte: K'CIDADE Alta de Lisboa

Imagem 6. Alta de Lisboa



Fonte: K'CIDADE Alta de Lisboa

Imagem 7. Alta de Lisboa



Fonte: K'CIDADE Alta de Lisboa

Imagem 8. Alta de Lisboa



Fonte: K'CIDADE Alta de Lisboa

Como se pode observar nas imagens apresentadas, os lotes de realojamento do bairro da Alta de Lisboa encontram-se integrados com os lotes de venda livre (imagens 5 e 7), existindo uma grande heterogeneidade arquitectónica dentro do bairro. Mesmo entre os edifícios de realojamento são observáveis grandes diferenças a nível de cores, arquitectura e materiais utilizados (imagens 6 e 7).

A presença do Parque Oeste assume também um papel importante na valorização deste território, promovendo a sua imagem e inibindo os efeitos de estigmatização (imagens 5 e 8).

Apêndice II. Nível de escolaridade dos inquiridos das amostras em estudo

Tabela 1. Nível de Escolaridade dos indivíduos da amostra normativa

	Frequência	Percentagem (%)	Percentagem acumulada (%)
Menos que o 4ºano	2	3.6	3.6
4ºano	2	3.6	7.3
Menos que o 9ºano	1	1.8	9.1
9ºano ou equivalente	8	14.5	23.6
12º ano ou equivalente	22	40	63.6
Ensino Superior	17	30.9	94.5
Mest/Dout	3	5.5	100
Total	55	100	

Tabela 2. Nível de Escolaridade dos indivíduos da amostra da Ameixoeira

	Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem Acumulada (%)
Menos que o 4ºano	7	12.7	13	13
4ºano	10	18.2	18.5	31.5
Menos que o 9ºano	15	27.3	27.8	59.3
9ºano ou equivalente	12	21.8	22.2	81.5
12º ano ou equivalente	10	18.2	18.5	100
Total	54	98.2	100	
Missings	1	1.8		
	55	100		

Tabela 3. Nível de Escolaridade dos indivíduos da amostra da Alta de Lisboa

	Frequência	Percentagem (%)	Percentagem acumulada (%)
Menos que o 4ºano	8	14.5	14.5
4ºano	16	29.1	43.6
Menos que o 9ºano	12	21.8	65.5
9ºano ou equivalente	10	18.2	83.6
12º ano ou equivalente	8	14.5	98.2
Ensino Superior	1	1.8	100
Total	55	100	

Apêndice III. Estado de actividade dos inquiridos das amostras em estudo

Tabela 1. Estado Actividade dos inquiridos da amostra normativa

	Frequência	Percentagem (%)	Percentagem acumulada (%)
Desempregado	1	1.8	1.8
Doméstica	2	3.6	5.5
Estudante	13	23.6	29.1
Activo/Reformado	39	70.9	100
Total	55	100	

Tabela 2. Estado Actividade dos inquiridos da amostra da Ameixoeira

	Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem Acumulada (%)
Desempregado	17	30.9	31.5	31.5
Doméstica	3	5.5	5.6	37
Estudante	11	20.0	20.4	57.4
Activo/reformado	23	41.8	42.6	100
Total	54	98.2	100	
Missing	1	1.8		
Total	55	100		

Tabela 3. Estado Actividade dos inquiridos da amostra da Alta de Lisboa

	Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem Acumulada (%)
Desempregado	15	27.3	27.8	27.8
Doméstica	11	20	20.4	48.1
Estudante	4	7.3	7.4	55.6
Activo/reformado	24	43.6	44.4	100
Total	54	98.2	100	
Missing	1	1.8		
Total	55	100		

Apêndice IV. Descrição comparativa das 3 amostras em estudo.

Gráficos 1 e 2

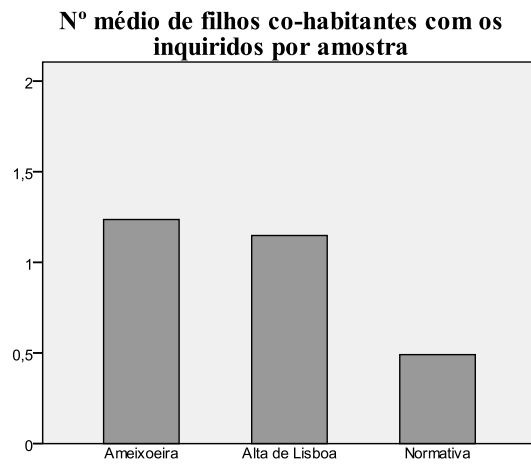
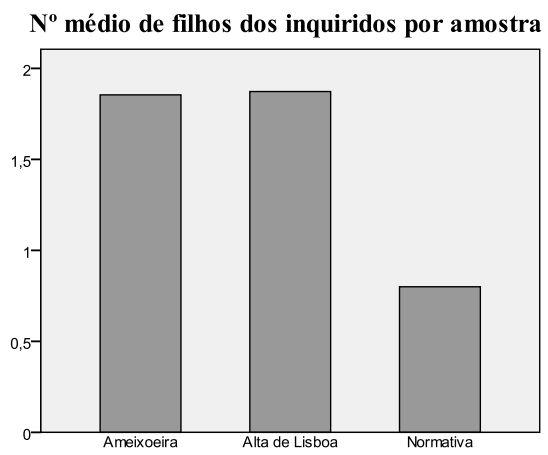
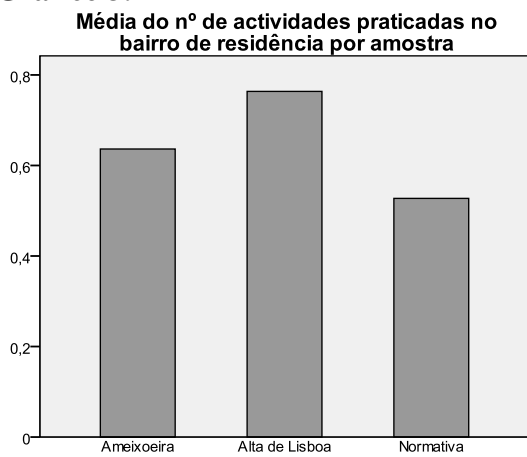


Gráfico 3.



Apêndice V.

Quadro 1. ANOVA EBSC Total

	Soma de quadrados	Gl	Quadrado da média	F	Sig.
Inter grupos	9.80	2	4.90	26.78	.000
Intra grupos	28.91	158	.18		
Total	38.71	160			

Quadro 2. ANOVA das dimensões da EBSC

		Soma de quadrados	Gl	Quadrado da média	F	Sig.
<i>Satisfação das Necessidades</i>	Inter grupos	14.91	2	7.46	16.48	.000
	Intra grupos	73.29	162	.45		
	Total	88.20	164			
<i>Estatuto de Membro</i>	Inter grupos	.28	2	.14	.27	.763
	Intra grupos	82.55	159	.52		
	Total	82.83	161			
<i>Influência</i>	Inter grupos	2.82	2	1.41	4.35	.014
	Intra grupos	51.82	160	.32		
	Total	54.64	162			
<i>Ligação Emocional</i>	Inter grupos	.83	2	.41	.87	.420
	Intra grupos	76.86	161	.47		
	Total	77.68	164			

Quadro 3. ANOVA EPS Total

	Soma de quadrados	Gl	Quadrado da média	F	Sig.
Inter grupos	.23	2	.12	.67	.516
Intra grupos	27.26	156	.18		
Total	27.50	158			

Quadro 3.1 ANOVA EPS Total - Comparações Múltiplas

Amostra (I)	Amostra (J)	Diferença de médias (I-J)	Sig.
Ameixoeira N=52	Alta de Lisboa	-.08	.920
	Normativa	-.08	.973
Alta de Lisboa N=54	Ameixoeira	.08	.920
	Normativa	.00	1.000
Normativa N=55	Ameixoeira	.08	.973
	Alta de Lisboa	-.00	1.000

Quadro 3.2.2. ANOVA das dimensões da EPS

		Soma de quadrados	Gl	Quadrado da média	F	Sig.
<i>Apoio Íntimo</i>	Inter grupos	.22	2	.11	.50	.608
	Intra grupos	34.57	157	.22		
	Total	34.79	159			
<i>Apoio Casual</i>	Inter grupos	1.04	2	.52	3.42	.035
	Intra grupos	24.60	161	.15		
	Total	25.64	163			

ANEXOS

ANEXO I

Questionário

Solicitamos a sua colaboração para responder às questões que se seguem, salientando que **não existem respostas correctas ou erradas**, o que interessa é o que pensa e sente realmente. Todas as respostas são **anónimas**.

É muito importante que leia atentamente e **responda individualmente a todas as questões de todos os grupos**. Deixar questões em branco inutiliza todos os questionários. Agradecemos a sua colaboração!

1. Idade: _____

2. Sexo: Feminino Masculino

3. Nacionalidade: _____

4. Estado Civil: Solteiro União de Facto Casado Separado Divorciado Viúvo

5. Indique o nível de escolaridade mais elevado que completou:

Menos que o 4º ano

9º ano ou equivalente

4º ano

12º ano ou equivalente

Mestr./Dout.

Menos que o 9º ano

Ensino superior

6. O seu agregado familiar é constituído por quantos elementos? _____

7. Quantos filhos tem? _____

7.1. Se respondeu como tendo filhos, indique o **nº de filhos** que vivem consigo: _____

8. Indique o grupo onde se enquadra a sua profissão. Caso esteja desempregado ou dependa financeiramente de alguém assinale em baixo.

Grupo 1 (Quadros Superiores de Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas).

Grupo 2 (Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas).

Grupo 3 (Técnicos e Profissionais de Nível Médio).

Grupo 4 (Pessoal Administrativo e Similares).

Grupo 5 (Pessoal dos Serviços e Vendedores).

Grupo 6 (Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pesca).

Grupo 7 (Operários, Artífices e Trabalhadores Similares).

Grupo 8 (Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores de Montagem).

Grupo 9 (Trabalhadores Não Qualificados).

Desempregado

Doméstica

Estudante

9. Indique a zona do país em que reside.

Norte

Grande Lisboa

Centro

Sul

Arquipélagos

10. Sempre residiu no bairro onde vive actualmente? Sim Não

10.1. Se respondeu não, há quanto tempo reside? _____

10.2. Trabalha/estuda no bairro onde reside? Sim Não

11. Em que actividades participa no seu bairro?

Voluntariado

Actividades Desportivas

Escuteiros

Actividades relacionadas com a sua religião

Actividades de lazer

Actividades Comunitárias

Outra(s). Qual (ais)? _____

Nenhuma

ANEXO II



Termo de Consentimento Informado

A sua participação neste estudo do Mestrado Integrado em Psicologia, consiste em completar um questionário relacionado com as suas opiniões, atitudes e satisfações.

Por favor, deve ler este termo de consentimento informado, assiná-lo e entregá-lo à pessoa responsável pela aplicação, para que nos certifiquemos que a sua participação é voluntária.

Depois de ter terminado de preencher o questionário, coloque-os dentro do envelope e feche-o, de modo a manter as suas respostas confidenciais.

A duração esperada de participação é aproximadamente 15 minutos.

A sua participação é *completamente* voluntária.

As respostas às perguntas em todo o questionário manter-se-ão *anónimas*. Não haverá *nenhuma informação identificável* incluída no questionário. É muito importante que responda a todas as questões para que os dados possam ser correctamente analisados.

Não existem desconfortos ou riscos conhecidos por participar neste estudo.

Ao assinar, declaro que tenho 18 anos de idade ou mais, que li e entendi a declaração acima, e que concordo participar neste estudo.

Rubrica do participante _____

Data ____ / ____ / _____

Responsável pela aplicação (nome) _____
(assinatura) _____

**NÃO COLOQUE ESTA FOLHA DENTRO DO ENVELOPE COM O
QUESTIONÁRIO. ENTREGUE-A SEPARADAMENTE.**

ANEXO III



Esclarecimento sobre o estudo

Esta folha é para si.

Agradecemos que a leia e, se quiser, pode guardá-la para referência futura.

Obrigada por participar neste estudo. A sua participação é muito importante para nós.

Os estudos que se inserem no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, têm por objectivos estudar a Percepção do Sentido de Comunidade, o Apoio Social, a Importância da Comunidade e a sua relação com os processos de realojamento.

Ao preencher o questionário pode parecer-lhe que está a responder a itens muito semelhantes, estes existem para efeitos de validação das escalas, agradecemos que responda a todos os itens.

Todas as suas respostas manter-se-ão completamente confidenciais e anónimas. Se quiser algum esclarecimento relativamente a este estudo, por favor contacte uma das pessoas em baixo.

Ana Carapinha
anamcarapinha@gmail.com

Mariana Colaço
marianacolaco@hotmail.com

Raquel Glória
ana.raquel.gloria@gmail.com